

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO  
MESTRADO EM GESTÃO E PRÁTICAS EDUCACIONAIS – PROGEPE**

**DARTAGNHAN SALUSTIANO RODRIGUES**

**JOGO, LOGO, INTERPRETO: O USO DO VIDEOGAME COMO INSTRUMENTO  
DE ENSINO E PRÁTICA DA INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS MÉDICOS**

**SÃO PAULO**

**2019**

**DARTAGNHAN SALUSTIANO RODRIGUES**

**JOGO, LOGO, INTERPRETO: O USO DO VIDEOGAME COMO INSTRUMENTO  
DE ENSINO E PRÁTICA DA INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS MÉDICOS**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação *stricto sensu* em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Gestão e Práticas Educacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro.

**SÃO PAULO**

**2019**

**Rodrigues, Dartagnhan Salustiano.**

***Jogo, logo, interpreto: o uso do videogame como instrumento de ensino e prática da interpretação em contextos médicos. / Dartagnhan Salustiano Rodrigues. 2019.***

**101 f.**

***Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2019.***

***Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia do Carmo Felismino Fusaro.***

***1. Interpretação médica. 2. Videogame e educação. 3. aprendizado e prática na interpretação médica. 4. Tecnologia nos estudos da interpretação.***

***I. Fusaro, Márcia do Carmo Felismino.***

***II. Título.***

**CDU 372**

Dedico este trabalho à Dona Niede Rodrigues, minha mãe, heroína, guerreira, cujo amor, esforço, dedicação e orações me auxiliaram a chegar até aqui. A ti, mãe, meu amor eterno.

**JOGO, LOGO, INTERPRETO: O USO DO VIDEOGAME COMO INSTRUMENTO  
DE ENSINO E PRÁTICA DA INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS MÉDICOS**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação *stricto sensu* em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Gestão e Práticas Educacionais.  
Orientadora: Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro.

São Paulo, 19 de dezembro de 2019.

---

Presidente: Professora Doutora Márcia do Carmo Felismino Fusaro  
ORIENTADORA – UNINOVE

---

Membro: Professora Doutora Juliana de Oliveira Rocha Franco (UEMG)

---

Membro: Professora Doutora Ana Maria Haddad Baptista (UNINOVE)

---

Membro Suplente: Professora Doutora Karyne Dias Coutinho (UFRN)

---

Membro Suplente: Professora Doutora Adriana Aparecida de Lima Terçariol  
(UNINOVE)

SÃO PAULO

2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao Pai Celestial, pois sem Ele, eu nada seria. A minha mãe, Dona Nieda Rodrigues, que sempre lutou e me incentivou para que eu pudesse me tornar uma pessoa de bem. A Janaina Campos Peres, companheira nas flores e nos espinhos, pelas conversas acadêmicas (e não acadêmicas) que renderam tantas inspirações. A Gabriel Rocha Micaela e Johnatan Apolucena Pinangé, grandes amigos e “irmãos no credo”, pelo auxílio tecnológico, pelas horas jogando “*Assassin’s Creed*” e “*Call of Duty*”, pelas risadas, sessões de cinema, hambúrgueres e companhia na caminhada. À minha orientadora de ontem, professora Patrícia Gimenez Camargo, à minha orientadora de hoje, professora Márcia Fusaro, amigas de hoje, espelhos de sempre, que apoiaram, apoiam, acreditaram e acreditam em meus estudos. A professora Lúcia Maria dos Santos, Intérprete Comunitária que, gentilmente, me “emprestou” seus alunos. A todos meus alunos e alunas, pois me ajudaram a escrever as páginas de minha história profissional e acadêmica. Aos professores e professoras de meu bacharelado em Tradutor e Intérprete e de meu mestrado em Gestão e Práticas Educacionais, ambos na UNINOVE. Por fim, mas não menos importante, agradeço à própria UNINOVE pela bolsa de estudos cujo valor foi, para mim, inestimável.

*No dia seguinte, nas celas mal iluminadas da prisão de Nuremberg, oficiais aliados entregaram cópias da acusação para cada um dos réus informando que poderiam escolher seus defensores em uma lista preparada previamente. Os réus reagiram de modo diverso:*

*Reich Marshal Hermann Goring: "É claro que eu quero um advogado. Mas, é mais importante ter um bom intérprete."*

Ann and John Tusa

## RESUMO

A interpretação especializada em contextos médicos é um ramo da Interpretação Comunitária, que, por sua vez, tem sua raiz na Interpretação Simultânea, ou Interpretação de Conferência, como é mais conhecida. A experiência como intérprete especializado em contextos médicos, o testemunho da falta de intérpretes profissionais nessa área e a preferência que os alunos do curso de Tradutor e Intérprete têm pelo campo profissional da tradução motivaram o início da coleta de dados, realizada em uma instituição privada de ensino superior e três instituições hospitalares da cidade de São Paulo, nomeada pela “Revista da Folha”, em 2018, como “a capital do turismo médico no Brasil”. Este estudo parte da hipótese de que o “medo” que os alunos do curso de Tradutor e Intérprete têm da área de interpretação é decorrente da falta de proficiência em inglês, língua comum entre os turistas pacientes, e o pouco tempo de “treinamento de cabine” nos laboratórios da universidade. Assim, buscou-se a união entre tecnologia, semiótica, ensino-aprendizagem aplicados à prática, objetivando auxiliar alunos do curso de Bacharel em Tradutor e Intérprete na prática da interpretação especializada em contextos médicos e no desenvolvimento da proficiência em inglês. Com base nos estudos de Márcia Fusaro, James Paul Gee e Mark Prensky e apoiado na visão educacional de Paulo Freire e Lucia Santaella, foi proposto e desenvolvido, especialmente neste estudo, o uso de um videogame que tem como pano de fundo, situações e conflitos comuns vividos por um intérprete durante sua atuação no serviço de saúde. O resultado da comparação entre os dados pré e pós-jogo demonstraram que o interesse em conhecer a interpretação especializada em contextos médicos aumentou após a experimentação do *game*, considerado pelos alunos como um instrumento eficaz de treinamento *off line* da interpretação e que preserva a privacidade por não expor os erros do educando para seus colegas de classe.

**Palavras-chave:** interpretação médica, videogame e educação, aprendizado e prática na interpretação médica, tecnologia nos estudos da interpretação.

## **ABSTRACT**

Medical Interpreting is part of Community Interpreting, which comes from Simultaneous Interpreting or Conference Interpreting as it is commonly known. The professional experience as a medical interpreter, and the lack of professional medical interpreters witnessed and the preference Translator and Interpreter students' have to the professional field of translation raised the motivation to start collecting data, which was done at a private university and three Healthcare institutions in Sao Paulo, city which was considered by "Revista da Folha" in 2018 as the Brazilian capital of medical tourism. This study starts by the hypothesis that the "fear" Translator and Interpreter students have about interpreting area is due to the lack of proficiency in English, which is a common language among tourist patients, and the few times of practice in the interpreting booth at the university labs. Therefore, an attempt of union among technology, semiotics, teaching and learning was done aiming to help students from bachelor's degree in Translation and Interpreting studies to practice medical interpreting and develop their English proficiency. Based on Marcia Fusaro, James Paulo Gee and Mark Prensky's studies and supported by Paulo Freire and Lucia Santaella's educational view, the use of a videogame which brings in its background situations and conflicts lived by the medical interpreter at work, was proposed and developed specially for this study. The result from the comparison between the data collected before and after the game has shown that students' interest in having contact with medical interpreting has raised after the experience of playing the game and it was considered by students as an efficient off line tool to training which preserves student's privacy because it does not expose their errors to the peers in the classroom.

**Key words:** medical interpreting, video game and education, medical interpreting learning and practice, technology in interpreting studies.

## RESUMEN

La interpretación especializada en contextos médicos es un ramo de la Interpretación Comunitaria, que, por su parte, tiene su raíz en la Interpretación Simultánea, o Interpretación de Conferencia, como se conoce mejor. La experiencia como intérprete especializado en contextos médicos, la constatación de la falta de intérpretes profesionales en esta área y la preferencia que los alumnos del curso de Traductor e Intérprete tienen por el campo profesional de la traducción motivaron el inicio de la colecta de datos, realizada en una institución privada de enseñanza superior y tres instituciones hospitalares de la ciudad de São Paulo, nombrada por la “Revista da Folha”, en 2018, como “la capital del turismo médico en Brasil”. Este estudio se basa en la hipótesis de que el “miedo” que los estudiantes del curso de Traductor e Intérprete tienen del área de interpretación se debe a su falta de dominio del inglés, idioma común entre los turistas pacientes, y el poco tiempo para el “entrenamiento en cabina” en los laboratorios de la universidad. Por lo tanto, se buscó combinar tecnología, semiótica, enseñanza- aprendizaje aplicados a la práctica, con el objetivo de auxiliar a los estudiantes del curso de Licenciatura en Traductor e Intérprete en la práctica de la interpretación especializada en contextos médicos y en el desarrollo del dominio del inglés. Basado en los estudios de Márcia Fusaro, James Paul Gee y Mark Prensky y con el apoyo de la visión educativa de Paulo Freire y Lucia Santaella, fue propuesto y desarrollado, especialmente en este estudio, el uso de un videojuego a partir de situaciones y conflictos comunes vividos por un intérprete durante su actuación en el servicio de salud. El resultado de la comparación entre los datos previos y posteriores al juego demostraron que el interés por conocer la interpretación especializada en contextos médicos aumentó después de la experimentación del *juego*, considerado por los estudiantes como una herramienta efectiva para el entrenamiento de interpretación *off line* y que preserva la privacidad ya que no expone los errores del alumno para sus compañeros de clase.

**Palabras clave:** interpretación médica, videojuegos y educación, aprendizaje y práctica en interpretación médica, tecnología en los estudios de interpretación.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I - O JOGO DA INTERPRETAÇÃO</b> .....	<b>19</b>
1.1 A necessidade de comunicação se expande.....	22
1.2 Silêncio no tribunal e vozes nas cabines .....	24
1.3 Comunitário intercessor .....	26
1.4 A lei fora da lei.....	29
<b>CAPÍTULO II – LÍNGUA: ESSA METAMORFOSE AMBULANTE</b> .....	<b>32</b>
2.1 Modulador, demodulador, comunitário: intérprete .....	34
2.2 A interpretação em contextos médicos na cidade de São Paulo: no limite do amanhã .....	42
2.3 Em busca de respostas .....	44
2.4 O retrato do paciente turista .....	45
2.5 Ainda que eu falasse a língua dos anjos, e não falasse inglês, eu não me comunicaria .....	48
2.6 Fase 2: o retrato do profissional de saúde.....	50
2.7 Guernica da interpretação .....	55
2.8 A cabine de interpretação: o quarto do medo .....	58
<b>CAPÍTULO III – O JOGO DA IMITAÇÃO</b> .....	<b>65</b>
3.1 Os jogos e o aprendizado: Final Fantasy ou Mortal Kombat? .....	69
<b>CAPÍTULO IV – UMA NOVA ESPERANÇA</b> .....	<b>70</b>
4.1 Sob o domínio do medo.....	70
4.2 De volta ao jogo.....	75
<b>ENDGAME – A CONCLUSÃO</b> .....	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>88</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>92</b>



## APRESENTAÇÃO

Começou quando ouvi a música do piano de *Richard Clayderman*...

Sempre fui um admirador de boa música. Aos quatro anos, sentava no encosto do sofá e usava o beiral da janela como meu piano imaginário para acompanhar as músicas dos discos de vinil de *Richard Clayderman*, pianista francês, cujas melodias eram ouvidas por minha mãe enquanto arrumava a casa. A curiosidade em saber qual a língua falada pelo pianista me levou ao francês e as aulas de piano. Conheci outras músicas, outros estilos, outros instrumentos musicais, o inglês. No fim dos anos 1970 meu pai me levou ao cinema para assistir *Star Wars* Episódio IV – Uma Nova Esperança. Deslumbrado após a Batalha de *Yavin*, quando os caças T-65B *X-Wing*, da Aliança Rebelde vencem a Estrela da Morte, tive a certeza de que aprenderia a falar o inglês e, de alguma forma, entenderia aquela tecnologia que dava suporte à vida e tornava ruidosa a respiração de *Darth Vader*. Também foi nessa época que meu nome, *Dartagnhan*, adquiriu seu “diminutivo”, *Darth*, para família e amigos.

O inglês se inseriu em minha vida de forma quase orgânica e, no início dos anos 1980, da mesma forma, a tecnologia. Um aparelho de videocassete e um videogame *Atari* completaram a tríade inglês, tecnologia e histórias (estas últimas, trazidas com os filmes que assistia) que pavimentaram a estrada pela qual segui até chegar ao mestrado.

A continuação da saga *Star Wars*, outros filmes, músicas, instrumentos musicais e bandas de garagem, ajudaram a desenvolver a compreensão auditiva no novo idioma, enquanto a prática da conversação se dava com os missionários americanos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, os quais também me apresentavam detalhes culturais, regionalismos e gírias.

O botão *start* que iniciou o jogo da vida dos anos 1990 já havia sido acionado e eu ainda não tivera a oportunidade de lecionar, desejo que tinha desde tenra idade. Foi em tom de brincadeira que alguns amigos, companheiros de plantão no laboratório de análises clínicas no qual eu trabalhava, me pediram para lhes dar aulas de inglês. Comecei e nunca mais parei.

A primeira experiência oficial como professor veio no ano 2000, quando encontrei recompensa profissional na docência ao testemunhar o progresso dos alunos em minhas aulas.

Lecionei em diversas escolas, fui coordenador de outras tantas. A prática do “inglês falado nas ruas”, que mantinha com os missionários americanos, enriquecia minhas aulas. Fui chamado por empresas para aulas particulares e para atuar como tradutor e intérprete.

Como sou um cliente que procura qualidade nos produtos e serviços que compra, procurei profissionalização para os serviços que eu mesmo oferecia. Contudo, contratempos da vida retardaram minha formação até o ano de 2016, quando, finalmente, me graduei bacharel em Tradutor e Intérprete.

Meu objetivo em alcançar a docência no ensino superior não mudara, portanto, em 2017 ingressei na pós-graduação, *lato sensu*, em Docência para o Ensino Superior e em 2018, alcancei o *stricto sensu*.

Experiências pessoais e profissionais demonstraram que o processo ensino-aprendizagem não precisa ser chato, tedioso ou, nas palavras de Paulo Freire, bancário.

Pavimentada sob esse viés foi a estrada que me trouxe, desde o bacharelado, a estudar a interpretação em cenários médicos e a unir arte, tecnologia, desenvolvimento profissional e divertimento na forma de jogo, pilares nos quais esta pesquisa se apoia.

## INTRODUÇÃO

Ao se mudar de país, o indivíduo carrega sua cultura, tradições, hábitos, idiossincrasias. Na bagagem de mão, acomodada em local de rápido acesso, está seu idioma, item ao qual se apegamos de modo singular, pois mesmo com o passar dos anos, levará consigo seu sotaque, detalhe que o distinguirá dos nativos. É esse mesmo sotaque que pode trazer ao imigrante, dificuldades para expressar suas ideias e tornar a comunicação com os nativos, ruidosa.

Com o advento da tecnologia e a popularização da internet, as fronteiras do mundo se estreitaram. Cartas que, quando não se extraviavam, levavam semanas ou até meses para chegar aos seus destinos, transformaram-se em máquinas de *telex* com seus cartões perfurados. O Telex transformou-se em fax, promovendo agilidade ao envio dos documentos. O telefone perdeu os fios e teve sua voz roubada pelos *paggers* que, mais ágeis, enviavam mensagens de texto. Descontente com a perda, o telefone resolveu virar o jogo e se transformou em celular analógico, tomando de volta as mensagens roubadas pelos *paggers*. Enquanto isso, o computador, cujo disco rígido chegou a ocupar uma sala inteira, encolhia-se ao tamanho ideal para ocupar confortavelmente as mesas dos escritórios. Ao notar que a *pole position* lhe havia sido novamente tomada, o telefone, agora celular, passou do analógico para o digital e incorporou, além de sua função primeira, a chamada de voz, mensagens de texto, de voz, câmeras, televisões e todas, ou quase todas, as funções dos computadores.

Aparelhos que, entre os anos 1970 e 1999, ocupariam facilmente a carroceria de um utilitário pequeno, têm hoje menos de 1cm de espessura, cabem na palma de uma das mãos e possuem mais tecnologia e velocidade de processamento do que os computadores que auxiliaram o homem a pousar na lua. Um universo ao alcance do toque dos dedos.

A escola, salvo exceções que ainda lutam para romper paradigmas, não experimentou as mesmas mudanças oferecidas pela tecnologia.

É nesse contexto que o professor se assemelha àquele imigrante que, nascido em uma época onde a tecnologia ainda não caminhava a passos tão largos e velozes, leciona, ou esforça-se, para alunos nativos digitais que, por muitas vezes, têm dificuldades em entender seu sotaque de imigrante digital (PRENSKY, 2011).

O videogame pode ser usado pelo professor imigrante digital como instrumento de auxílio na interpretação de seu “sotaque não tecnológico” por se tratar de um recurso que nativos digitais entendem, confiam e consideram como parte de suas rotinas.

Mas, como o jogo pode se conectar à educação?

A motivação é ativa e aprender demanda esforço. A combinação de fatores psicológicos, como o medo e a necessidade de satisfação, compõe uma mistura de recompensas intrínsecas e extrínsecas que nativos digitais necessitam para desenvolver sua motivação. Ninguém se esforça ou se motiva sem observar um objetivo, uma recompensa. Vislumbrar a recompensa gera a energia necessária para analisar dados, contextos, ambientes, criar estratégias, desenvolver toda uma sequência de movimentos de peças no tabuleiro mental para vencer fases, vencer o “chefe da fase” e passar para o próximo nível.

O jogo, mais antigo do que a cultura, e o jogar, ato que é mais do que um fenômeno fisiológico (HUIZINGA, 2000), não é dádiva oferecida de modo divino ao *homo sapiens*. Os animais em seus rituais de caça, de cortejo ou mesmo nas brincadeiras entre filhotes, demonstram agir sob determinadas regras, similares a dos jogos como conhecemos hoje.

As pesquisas que compõem este estudo foram realizadas em três frentes, sendo a primeira uma visão da situação na qual se encontra a interpretação em cenários médicos na cidade de São Paulo, pois, além de ser considerada a capital do turismo médico pela revista semanal de um jornal de grande circulação, a cidade ainda acolhe a maior parte das instituições de saúde acreditadas internacionalmente no Brasil. A segunda frente foi analisar as razões que os alunos do curso de Tradutor e Intérprete têm em preferir a área da tradução à interpretação. E, finalmente, a terceira, observar qual a influência que um jogo de videogame, especialmente desenvolvido para o ensino e a prática da interpretação em cenários médicos, pode ter sob a decisão desses mesmos alunos, nativos digitais, no momento da escolha entre tradução e interpretação como seu campo profissional.

Esta dissertação divide-se em quatro capítulos sendo o capítulo I dedicado a apresentar ao leitor um breve histórico da trajetória da interpretação desde o Julgamento de Nuremberg, onde oficiais nazistas foram julgados por seus crimes de guerra, até o reconhecimento legal e a profissionalização de intérpretes, de suas

associações e apresenta ao leitor momentos históricos importantes onde interpretações mudaram o resultado de eleições e amenizaram discursos de ditadores.

Língua, cultura e profissionalização são os temas abordados no capítulo II, onde procurou-se desenhar um perfil do paciente turista, estrangeiro que procura tratamento médico especializado, de qualidade, com preços mais acessíveis do que aqueles encontrados em seus países. Também procurou-se conhecer quem são os profissionais de saúde das instituições acreditadas pesquisadas, sua proficiência em inglês, habilidade que, se não desenvolvida nesse profissional, pode gerar ruído na comunicação entre ele e o paciente turista. Por fim, buscou-se conhecer o aluno do curso de Tradutor e Intérprete, seus medos comuns e preferências profissionais.

O jogo teve seu espaço reservado no capítulo III, onde investigou-se seu uso orgânico, sua aproximação com a linguagem dos nativos digitais, sua aplicabilidade na educação, nos negócios e finanças. Anexa-se a esta dissertação, um pncard disponibilizando uma apresentação inicial do videogame.

As reflexões finais deste estudo ocorrem no capítulo IV, onde se apresentam os resultados da aplicação prática do videogame como instrumento educacional desenvolvido para os alunos do curso de Tradutor e Intérprete e a opinião de gestores educacionais sobre tal aplicação.

## **CAPÍTULO I – O jogo da interpretação**

E eles não sabiam que José os entendia, porque havia intérpretes entre eles.

Gênesis 42:23

Na epístola I de Coríntios 14:28, o apóstolo Paulo diz que: “E se alguém falar em língua desconhecida, faça-se isso por dois, ou quando muito três, e por sua vez, e haja intérprete”. Mas, quem é esse o intérprete? Ele é um tradutor? Tradução e interpretação são a mesma coisa? O que o intérprete faz é diferente do tradutor?

Para responder essas perguntas, este estudo convida o leitor a percorrer as estradas percorridas pela interpretação desde o Julgamento de Nuremberg em 1945. Porém, a interpretação não é uma atividade tão recente, pois afirma-se que a referência mais antiga a um intérprete apareça em um hieróglifo egípcio que data de três mil anos antes de Cristo, como também há documentação histórica de intérpretes durante as Cruzadas, na expedição de Colombo e na conquista do México por Cortez (PAGURA, 2003).

Mas, a questão inicial permanece para o leitor. O que é a interpretação?

Para responder essa máxima, recorremos a HALE (2007), que afirma que interpretação lida com o texto oral na forma que lhe é apresentado, em congressos, reuniões e visitas internacionais, sem a oportunidade de leituras ou consultas anteriores, enquanto o tradutor é definido pela APIC, Associação Profissional de Intérpretes de Conferência, como o profissional que realiza a tradução de materiais escritos, ou seja, não usa a voz em seu trabalho. A tradução expressa-se de forma escrita e a interpretação de forma falada.

Desde as salas de audiência da Justiça Federal de Guarulhos, às grandes reuniões de líderes internacionais, intérpretes são instrumentos de aproximação entre línguas e culturas diferentes. Quando fechado em uma cabine à prova de som na sala de conferências da Organização das Nações Unidas, o intérprete auxilia a manter fluido o fluxo de informações, verbais ou não, essenciais para o entendimento e reconciliação entre povos. Um texto, cujo repertório cultural for interpretado de maneira leviana ou descuidada, pode transformar aplauso em vaia, uma conferência de paz em declaração de guerra, uma prescrição medicamentosa em sentença de morte. O intérprete não possui uma habilidade inata e não treinável de converter

instantaneamente uma língua em outra, não possui uma dádiva divina inalcançável ou privilégio daqueles que viveram desde tenra infância em ambientes bilíngues. Interpretar demanda preparação acadêmica, dedicação, curiosidade, demanda pensar criticamente a prática de hoje ou de ontem para que a próxima prática possa ser melhorada (FREIRE, 2016. p. 40).

A interpretação comunitária é o ramo da interpretação que atua com refugiados, com vítimas de guerra ou de catástrofes, expatriados, indivíduos detidos pela justiça e que aguardam julgamento (intérpretes forenses) e em contextos médicos. Esses intérpretes recebem pouca ou nenhuma informação de seus interpretados, tanto por motivos de confidencialidade, no caso de intérpretes forenses, quando pela falta de informações disponíveis no momento da interpretação, como no caso dos intérpretes especializados na área médica. Isto posto, é precípuo ao intérprete comunitário apropriar-se do repertório cultural da comunidade para a qual seu trabalho, geralmente sob pressão, é dirigido, exercício intelectual, oral, preparação prévia e conhecimento de mundo, já que o resultado da interpretação não pode ser revisto e está exposto ao escrutínio constante e imediato do público. O intérprete media e conecta diferentes repertórios culturais. Até as sondas *Voyager*, que hoje estão perdidas em algum ponto distante no espaço, carregam registros do repertório cultural do “pálido ponto azul” de Segan e, se um dia forem descobertas por alguma civilização alienígena, parte do entendimento das informações nelas contidas caberá a um intérprete intergaláctico. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007. p. 102).

Uma demonstração do poder e da responsabilidade que o intérprete possui ao interpretar rendeu a ucraniana Natalia Dmytruk o Prémio *Fern Holland*, em 2005, devido a intervenção feita por ela um ano antes, quando interpretava em língua de sinais o resultado das eleições em seu país, que fora alcançado em clima turbulento. Naquele momento, a intérprete usou a interpretação para iniciar o movimento conhecido como “Revolução Laranja”, cor símbolo daqueles que protestavam contra o modo pelo qual as eleições estavam sendo conduzidas, ao passar a seguinte mensagem:

“Estou falando para todos os surdos da Ucrânia. Nosso presidente é Viktor Yushchenko. Não confiem nos resultados do comitê eleitoral central. É tudo mentira... tenho muita vergonha de traduzir essas mentiras para vocês. Talvez vocês me vejam outra vez” (ESTEVEVES, 2014. p. 275)

A interpretação também tem o poder de fazer o caminho contrário ao percorrido pela intérprete ucraniana, e tomar a posição de mediador em situações de tensão ou conflituosas. Nesses momentos, a interpretação esperada é de amortecimento, aquela que não contribui para aumentar a possibilidade de choque entre as partes.

Foi o que aconteceu em 1990, quando o então presidente do Iraque, Sadam Hussein, concedeu a Trevor McDonald, jornalista e apresentador britânico, uma entrevista para a rede de televisão do Reino Unido, ITN, *Independent Television Network* (Rede de Televisão Independente). Sadam Hussein entendia as perguntas em inglês, porém, recusava-se a usar outra língua que não fosse a sua, o árabe, para as respostas, tornando necessária a interpretação consecutiva. Seu intérprete amorteceu a fala do presidente para que o clima de tensão entre Hussein e McDonald não aumentasse, pois, de acordo com as palavras de ESTEVES (2014)

[...] o encontro foi especialmente tenso, e embora Hussein e McDonald tenham sido corteses um com o outro, a hostilidade entre eles ficava óbvia. Nessa situação difícil, sendo observado por ambas as partes e por todo o público, o intérprete escolheu a estratégia da tradução literal, que consistia em focar principalmente o significado das palavras em seus vários aspectos. Em uma tentativa de cobrir todas as nuances semânticas de determinadas palavras, o intérprete fez uso de vários sinônimos (Esteves, 2014. p. 288)

Nesse evento, o uso do campo semântico foi o recurso empregado pelo intérprete para promover o amortecimento nas palavras do discurso de Sadam Hussein e evitar que o clima de animosidade entre entrevistado e entrevistador aumentasse. Esse mesmo amortecimento, juntamente com a aproximação cultural são usados na interpretação especializada em cenários médicos, haja vista que o paciente não falante da língua local enfrenta desconforto físico, psicológico, além de ver no profissional da área de saúde que o atende, um indivíduo que não conhece seus padrões religiosos, culturais, morais ou políticos. O intérprete, portanto, atua, desde que guardados os padrões éticos da profissão, muito além da troca linguística. Ele é um mediador e promotor do entendimento entre as partes.

## 1.1 A necessidade de comunicação se expande

Não foi de amor ou de poesia que falaram os primeiros intérpretes. Não foi doce o discurso que lhes alcançou os ouvidos. Foi de abuso e intolerância, de preconceito e arrogância que trataram nossos colegas, testemunhas e partícipes daquele sombrio episódio. Emprestaram seu talento à facilitação de um processo doloroso de reparação, de feridas profundas que mal começavam a cicatrizar.

Ewandro Magalhães Junior

A interpretação, ato de ouvir determinada informação na língua de partida, língua A, e verter oralmente tal informação para a língua de chegada, língua B, se subdivide em algumas modalidades como a interpretação consecutiva e a sussurrada. Como até 1945, a língua usada por diplomatas era o francês, as comunicações entre instituições de idiomas diferentes eram realizadas principalmente por documentos oficiais, os quais demandavam somente traduções (MAGALHÃES JUNIOR, 2007). Para esses encontros, eram utilizadas as modalidades de interpretação conhecidas como Interpretação Consecutiva e a *Chuchotage* ou Interpretação Sussurrada.

Na Interpretação Consecutiva, o interpretado divide sua fala em blocos separados por pausas. A cada pausa, o intérprete, usualmente posicionado ao lado do interpretado, verte o discurso para a língua-alvo. Nessa modalidade o tempo se apresenta como fator que requer cautela, pois o discurso durará aproximadamente duas vezes o estimado pelo interpretado, já que o intérprete usará tempo de fala semelhante.

Já na *Chuchotage*, ou Interpretação Sussurrada, o intérprete se posiciona atrás dos ouvintes e sussurra o discurso vertido. Nessa modalidade, a atenção se volta para o pequeno número de ouvintes atendidos pelo intérprete. Portanto, o tamanho da plateia influencia diretamente na quantidade de intérpretes e no ruído gerado por estes, o que pode atrapalhar o discurso do interpretado.

A modalidade mais “jovem” de interpretação, a interpretação simultânea, “nasceu” a partir das modalidades anteriores, auxiliada pela tecnologia. Nesse novo modelo, o intérprete fica fechado em uma cabine a prova de som enquanto o

interpretado fala ao microfone. A voz do palestrante é recebida diretamente nos fones de ouvidos do intérprete que, com pequeno atraso em relação a produção do texto, verte “simultaneamente” o discurso para a língua-alvo. Esse movimento dá ao intérprete acesso direto, via rádio, aos ouvidos das pessoas na plateia, acesso que pode ser multiplicado milhares de vezes se a interpretação for transmitida e acompanhada pela TV, como aconteceu com Natalia Dmytruk ou na entrevista com o presidente Sadam Hussein. Essa nova modalidade de interpretação “nasceu” no andar superior do Palácio de Justiça de Nuremberg, Alemanha, durante o julgamento dos oficiais nazistas e espalhou-se pelo mundo. Hoje, intérpretes de conferência, como ficaram conhecidos, ocupam discretamente suas cabines em palestras e reuniões internacionais por todo o mundo, usando suas vocês como instrumento de aproximação do palestrante com sua plateia.

## 1.2 Silêncio no tribunal e vozes nas cabines

Os olhos do mundo se voltavam para a sala de audiências, lotada, do tribunal de Nuremberg. Pela primeira vez na história, o público maravilhava-se com algo completamente desconhecido: a interpretação simultânea.

Francesca Gaiba

Em 20 de novembro de 1945, iniciou-se na cidade de Nuremberg, Alemanha, o julgamento dos crimes de guerra cometidos por 24 oficiais nazistas.

Além do alemão, idioma dos acusados, o francês, o russo e o inglês foram falados durante a execução do processo. Para garantir um julgamento justo, foi dado a acusados, promotores e juízes o direito de falar e ouvir em sua própria língua, tornando o julgamento de Nuremberg o marco da “invenção” da interpretação simultânea, modalidade que também auxiliou a mídia a manter o público da época informado.

O Julgamento de Nuremberg teria sido impossível de ser realizado sem a interpretação simultânea, haja vista o tempo que seria usado por outras modalidades de interpretação versus o volume de documentos do processo.

No dia 1º de outubro de 1946, com o fim do julgamento, também chegava ao fim o trabalho de muitos intérpretes convocados que retornaram para suas profissões originais. Para alguns deles, porém, que decidiram permanecer em Nuremberg, foi o início de uma nova carreira. A interpretação simultânea se espalhou por encontros e organizações internacionais facilitando e revolucionando a comunicação entre nações. Na Conferência de Paz de Paris, em 1919, também conhecida como Conferência de Paz de Versalhes, a Grã-Bretanha demandou o reconhecimento do inglês como língua diplomática oficial. Portanto, a partir daquela reunião, surgiu a necessidade permanente da interpretação simultânea.

O *status* real de objeto profissional foi ganho pela interpretação em 1953, após a fundação da AIIC<sup>1</sup>, *Association Internationale des Interprètes de Conférence* (Associação Internacional dos Intérpretes de Conferência) em Paris. Pouco após sua

---

<sup>1</sup> Como neste estudo são usadas poucas siglas, optou-se por escrever a sigla, seu significado na língua de partida e, em seguida, quando possível, sua tradução para a língua portuguesa.

fundação, em 1957, foi inaugurada a TAALS, *American Association of Language Specialists* (Associação Americana de Especialistas em Línguas) em *Washington – DC* e, mais de 20 anos após, foi criada a NAJIT, *National Association of Judicial Interpreters* (Associação Nacional de Intérpretes Jurídicos), também nos Estados Unidos.

No final do século XX, a interpretação esteve novamente sob a mira dos holofotes durante a crise de Kosovo, na guerra do Iraque e na tragédia de 11 de setembro, que fez o governo americano voltar seus olhos para a importância de intérpretes treinados em línguas minoritárias.

Diferente de países como os Estados Unidos e Austrália, onde a prática da interpretação em contextos de saúde já é institucionalizada, o Brasil, mesmo com a demanda de intérpretes profissionais aumentada devido ao movimento migratório de trabalhadores, refugiados, políticas de inclusão e o aumento da acreditação internacional de instituições hospitalares, principalmente na cidade de São Paulo, a interpretação ainda é compreendida como ação assistencial desencadeada por uma necessidade de comunicação (QUEIROZ, 2014. p. 203) e, portanto, legada aos profissionais de saúde e familiares dos turistas pacientes, indivíduos não preparados academicamente para o desafio da interpretação.

### 1.3 Comunitário intercessor

O papel do intérprete durante a ação interpretativa vai além do modo tradicional que simplesmente transmite a informação.

Claudia Angelelli

A interpretação de conferência, nascida durante o julgamento de Nuremberg, desdobrou-se de acordo com a necessidade a ela apresentada. Um desses desdobramentos é a interpretação comunitária, que se caracteriza por qualquer tipo de interpretação dirigida a um cliente e a um prestador de serviços dentro de contexto hospitalar, forense, judiciário e similares. Essa modalidade, que auxilia estrangeiros a terem acesso a serviços educacionais, judiciários e médicos (ORIGUELA, 2014, p. 2), começou a se desenvolver nos Estados Unidos de modo informal, sem padrões, treinamentos ou práticas reconhecidas e com condições precárias de trabalho. Tais circunstâncias levaram os intérpretes a se reunirem em associações, buscando disciplina, padronização de métodos e reconhecimento profissional através da educação e legislação. Hoje, associações de intérpretes como IMIA, *International Medical Interpreters' Association*, OSTI, *Oregon Society of Translators and Interpreters*, CCHI, *Certification Commission for Healthcare Interpreters*, promovem encontros, cursos e certificações para intérpretes comunitários nos Estados Unidos.

Os intérpretes comunitários, treinados e certificados, propiciam a indivíduos não falantes da língua local, acesso igualitário a serviços públicos de saúde, educação e assistência social. É uma interpretação de características particulares pois, em grande parte, não acontece entre conferencistas, palestrantes, pessoas de negócios ou em viagens de turismo. É realizada dentro da comunidade, entre seus membros, seja a comunidade hospitalar, refugiada ou de indivíduos detidos pela justiça enquanto aguardam julgamento. Os intérpretes comunitários são vistos como *cultural brokers* (mediadores culturais) e, muitas vezes, advogam durante sua interpretação, pois

[...] não saber a língua da outra parte pode muitas vezes significar que uma das partes é um “hóspede” – desejado ou não – na cultura da outra parte. Em tribunais, por exemplo, um réu pode ocupar uma situação incômoda e difícil se as nações envolvidas têm uma relação turbulenta. Além de estar longe de

casa, esse réu tem a desvantagem adicional de não saber a língua local, o que atrapalha em grande medida a comunicação com as pessoas e a compreensão do que está acontecendo. Em vários tipos de interpretação comunitária, as coisas podem ser igualmente complicadas. Na área de saúde, por exemplo, a pessoa que precisa de um tradutor também precisa de assistência médica, e provavelmente está sentindo algum tipo de dor ou desconforto. Além dos mais, pode haver grandes diferenças culturais relacionadas a padrões morais, religiosos e políticos divergentes. (ESTEVEES, 2014. p. 287)

Contudo, a interpretação tem seus limites regidos por códigos de ética e padronizações de condutas. NORDIN (2018), apresenta os principais cânones da ética da interpretação forense no exterior, cujas diretrizes também podem ser aplicadas a interpretação em cenários médicos. São eles:

- a) **Dever de precisão e completude:** a interpretação deve acontecer de forma mais exata, completa e precisa possível, preservando nível linguístico e tom do interpretado sem omitir ou acrescentar quaisquer informações ao discurso;
- b) **Dever de neutralidade, imparcialidade e distanciamento:** a interpretação é imparcial, livre de preconceitos e mantém distância afetiva ou emocional do interpretado. Na interpretação forense, o intérprete não tem qualquer contato anterior com o interpretado, salvo se autorizado por juiz competente ao caso. Já na interpretação em contextos médicos, o contato com o paciente anterior ao momento da interpretação pode facilitar o processo, como demonstrado na declaração da intérprete e tradutora Linda Hafner no capítulo 2.1 deste estudo;
- c) **Dever de confidencialidade:** o intérprete deve guardar sigilo de toda e qualquer informação que tenha acesso durante o ato interpretativo;
- d) **Dever de honestidade e transparência quanto às qualificações profissionais:** o intérprete deve apresentar suas credenciais técnicas ao responsável local.
- e) **Dever de postura e permanente atualização profissional:** o intérprete deve se comportar, dentro e fora do ambiente de

interpretação, de maneira compatível com a dignidade de sua profissão e buscar permanente atualização profissional.

A APIC, Associação Profissional de Intérpretes de Conferência, disponibiliza, em sua página na internet, seu código de ética. Este, porém é particular, voltado para os membros participantes dessa associação e não cobre outras instâncias interpretativas além da interpretação de conferência. Ainda de acordo com NORDIN, 2018, no Brasil ainda se aguarda motivação política para o estabelecimento de um código de ética, pois nenhum daqueles dispostos pelas associações de intérpretes brasileiros, abrangem por completo as necessidades da esfera forense, no caso do texto da autora, como também não abrangem a ética da interpretação em cenários médicos, objeto deste estudo. Enquanto isso, a interpretação especializada em cenários médicos conta com o bom senso dos intérpretes, pois, devido a necessidade de mediação cultural, a formação acadêmica ou escolar não é suficiente para a formação do intérprete. No ato interpretativo, seja ele em cenários médicos ou não, há muito mais do que um deslocamento – ou tradução literal – de palavras de uma língua para outra, pois, a interpretação adapta conceitos. Aprender uma língua requer validação, pois só se retém aquilo que os interlocutores reajam com familiaridade. As escolas que oferecem cursos livres de inglês, tendem a voltar suas aulas apenas para o padrão culto da língua, diferente daquele que é ouvido pelo estrangeiro ao desembarcar em outro país, seus vícios de linguagem, regionalismos, expressões idiomáticas e diferenças de sotaque (MAGALHÃES JUNIOR, 2007. p. 125-126).

## 1.4 A lei fora da lei

Por não contemplar grandes reuniões, negócios milionários, nem maiores descobertas científicas, esse tipo de interpretação não é considerado de muita importância para alguns.

Daniela Origuela

A discriminação de raça, cor ou origem foi proibida nos Estados Unidos no parágrafo VI do Ato dos Direitos Civis de 1964. No mesmo ato, também foram proibidas a exclusão da participação ou a negação de benefícios de quaisquer programas ou atividades das cortes estaduais, nas esferas cível ou criminal, que recebessem assistência financeira federal, a pessoas denominadas como LEP, *Limited English Proficiency* (indivíduo não proficiente em inglês). Foi regido que essas esferas deveriam prover àqueles indivíduos, intérpretes de forma gratuita. Sob a mesma lei, as cortes também deveriam assegurar que os intérpretes possuíssem habilidades acadêmicas e linguísticas essenciais para o bom desenvolvimento da interpretação.

Em outubro de 1978, o então presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, assinou o *Court Interpreters Act* (Ato dos Intérpretes Forenses) que estabeleceu o direito para qualquer indivíduo envolvido em procedimentos processuais a ter acesso a intérpretes qualificados ou certificados para que a comunicação fosse garantida. Na implementação do ato, a Corte Federal criou o FCICE, *Federal Court Interpreter Certification Examination Program* (Programa de Exame e Certificação de Intérpretes Forenses Federais) como critério de qualificação e certificação de intérpretes nas cortes federais e para auxiliar o diretor do AO, *Administrative Office of the U.S. Courts* (Escritórios Administrativos das Cortes dos Estados Unidos), a manter uma lista de intérpretes forenses federais certificados<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A diferença entre intérpretes qualificados e certificados é bem simples. Como este estudo visa a interpretação comunitária especializada em contextos médicos, tomou-se como base a definição oferecida pela CCHI, *Certification Commission for Healthcare Interpreters* (Comissão para Certificação de Intérpretes Especializados em Contextos Médicos), que define como intérpretes qualificados aqueles que frequentaram o curso de certificação, enquanto certificados como aprovados nos exames finais do mesmo curso.

Em 11 de agosto de 2000, foi assinada, pelo então presidente Bill Clinton, a Ordem Executiva 13166 que reforçava o Ato dos Direitos Civis de 1964, ao requerer que as agências federais melhorassem o acesso a serviços para as pessoas não proficientes em inglês (LEP).

Os três textos norte-americanos concordam com o disposto no Artigo 193, de linha única, do Código de Processo Penal Brasileiro de 1941, o qual rege que quando o interrogado não souber falar português, o interrogatório será feito por meio de intérprete. Porém, o mesmo artigo brasileiro não prevê quem é esse intérprete e qual sua qualificação para o trabalho, sendo ele, o intérprete, nomeado pelo juiz no ato da audiência. Qualquer indivíduo, preparado ou não, pode ser convocado para atuar como intérprete do réu.

Na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Artigo 5º, lê-se que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança [...]”. No texto da Emenda Constitucional nº 90, de 15 de setembro de 2015, Artigo 6º, lê-se que são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação [...], a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados [...]. Salvo o lido no Código de Processo Penal, não há na Constituição brasileira, menção aos direitos dos não falantes de português.

Uma pessoa recém-chegada a um novo país vai se confrontar com muitos empecilhos, como o preconceito com o diferente; novo clima e cultura, que inclui alimentação e costumes; vai enfrentar os mesmos problemas sociais que a maioria dos pobres enfrenta, como em nosso país: violência, alto custo de vida, dificuldade de encontrar trabalho, precariedade no sistema de saúde e educação. A grande diferença é que imigrantes e refugiados ainda têm outra dificuldade: não falam a língua que poderia atenuar tais circunstâncias pela comunicação e, por isso, muitas vezes não têm suas necessidades básicas satisfeitas. (ORIGUELA, 2014. p. 6)

O site do jornal *Folha de São Paulo* traz, na reportagem da Revista da Folha, de 15 de setembro de 2018, a afirmação de que a cidade de São Paulo tem se consolidado como a “capital da saúde no país”, atraindo estrangeiros que procuram atendimento médico de qualidade por valores menores do que aqueles encontrados em seus países. Aponta que uma média de 38.500 pessoas por ano desembarca no Brasil, sendo que 70% deste contingente em São Paulo. Esses pacientes turistas, termo usado para identificar o estrangeiro que procura assistência médica fora de seu

país, trazem consigo sua língua e cultura, muitas vezes desconhecidas pelo profissional de saúde que lhes prestará atendimento. A mesma reportagem relata elogios tecidos pelos pacientes turistas a respeito do atendimento recebido nas instituições hospitalares da cidade. As pesquisas de campo realizadas para este estudo, porém, contestam as informações descritas naquela reportagem por inferir que os comentários e elogios foram feitos por pacientes turistas de uma única instituição hospitalar, a qual possui departamento especializado no atendimento ao paciente estrangeiro. Tal instituição, localizada na zona sul da capital paulista, não fez parte da coleta de dados para este estudo por se tratar da única instituição acreditada que mantém, de forma efetiva, um departamento bilíngue (inglês – português) para o auxílio e atendimento ao paciente turista.

## **CAPÍTULO II - Língua: essa metamorfose ambulante**

O tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal.

Ferdinand de Saussure

Ao iniciar o bacharelado no curso de Tradutor e Intérprete, a maioria dos alunos preocupa-se somente com aspectos linguísticos, atitude ligada ao modo pelo qual o inglês, no caso deste estudo, lhes foi apresentado nos ensinamentos fundamental e médio. Ao depararem-se com o texto, seja escrito ou oral, tendem a usar as equivalências translinguísticas aprendidas anos antes, completá-las com as equivalências léxicas encontradas em dicionários e aplica-las às estruturas sintáticas da língua de chegada, sem levar em conta as implicações que suas traduções ou interpretações podem ter (GILE, 2009. p. 26). O aspirante a intérprete precisa estar ciente de que a comunicação é um fenômeno complexo de múltiplos elementos e o objetivo final de seu trabalho. Portanto, o intérprete precisa observar a natureza dos participantes (emissor e receptor), as influências culturais (repertório) que o canal utilizado (a voz) sofre, de acordo com a região onde a comunicação acontece; a natureza dos códigos (línguas de partida e de chegada) e a natureza das mensagens transmitidas em concordância com o código (LARUCCIA, 2004).

Como definida por Magalhães Júnior (2007), a língua é um organismo vivo em constante mutação. Por se tratar de parte inerente da cultura produzida por um povo, não é uma entidade imutável e estanque como suposto pelo ensino gramatical de algumas escolas (OTHERO, 2004) pois, passa por modificações para atender à realidade social e geográfica da comunidade que a usa. Se paulistanos de 2019 pudessem conversar com paulistanos de 1604, 50 anos após Manoel da Nóbrega e José de Anchieta fundarem o Colégio São Paulo de Piratininga, que deu origem ao povoado e, posteriormente, à capital paulista, é provável que enfrentassem alguma dificuldade de comunicação devido aos seus repertórios linguístico-culturais.

Por ser particular a um povo, a língua carregará consigo, além de parte de suas características originais, mudanças impostas pelo meio ou época em que for usada. Incorporado a essas mudanças há o avanço da tecnologia que aproxima povos e

culturas, transformando, praticamente em cômodos de nossa casa, países antes distantes (MAGALHÃES JUNIOR, 2007, p. 154). É comum caminhar pela Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, e ouvir falantes de inglês, chinês, espanhol, crioulo, entre outras línguas. Indivíduos com diferentes repertórios culturais que podem necessitar dos mesmos serviços públicos usados pelos brasileiros. Os intérpretes comunitários atuam diretamente nesse oceano de diversidade cultural e buscam mediação e aproximação ao auxiliar e facilitar a comunicação. Devem, portanto, observar seus próprios repertórios, investigar, estudar e se familiarizar com os signos emitidos pelo interpretado, ou pela comunidade para a qual seu trabalho é dirigido, a fim de evitar a produção de informações equivocadas. Essa competência cultural (SHANNON, 2010) se encerra na habilidade para construir uma ponte entre as duas culturas atuando como fios condutores entre o profissional de saúde e o paciente ou membro da família. A situação é sempre bicultural e não meramente bilíngue, portanto, seu sucesso depende de uma comunicação não mecanizada (HAFFNER, 1992. p. 5). É dessa forma que o intérprete profissional atua como modulador, demodulador e mediador do diálogo.

## 2.1 Modulador, demodulador, mediador, comunitário: intérprete

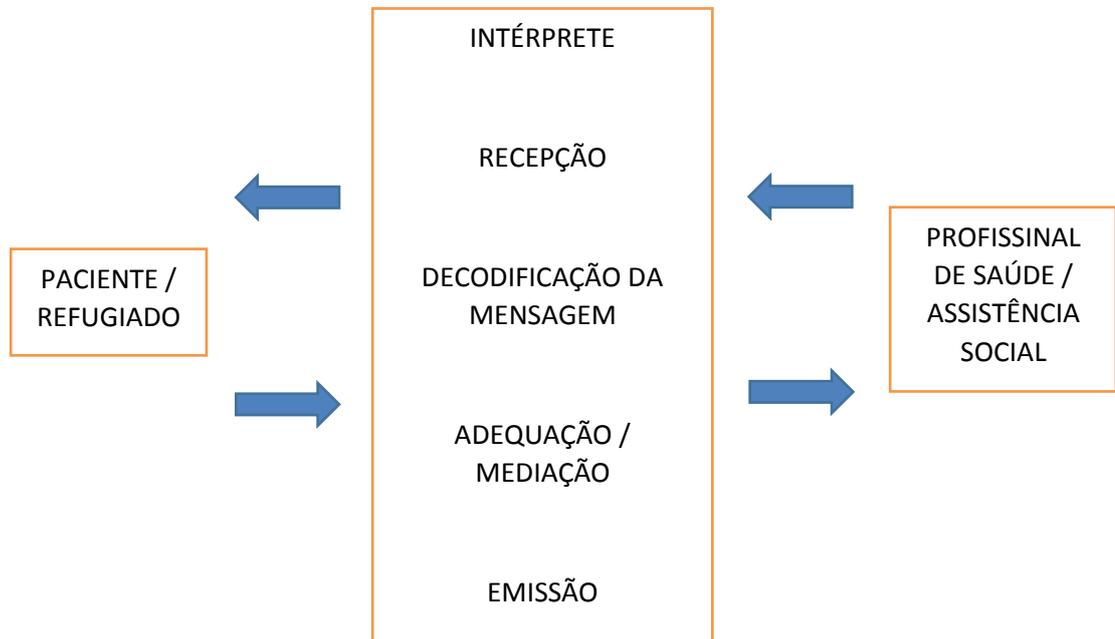
A leitura crítica dos textos e do mundo tem que ver com a sua mudança em processo.

Paulo Freire

Todo indivíduo utiliza e carrega consigo seu repertório cultural, repertório este definido por Laruccia (2004) como um estoque de informações que atua como um vocabulário. O intérprete não é um compendio sígnico de toda e qualquer cultura, portanto, necessita a busca ininterrupta de repertório. A leitura crítica e criadora, capaz de desdobrar-se na reescrita do texto (FREIRE, 2013. p. 81), deve ser uma aliada.

A reescrita, da qual fala Paulo Freire é, para a interpretação, mantidas as devidas proporções, processo similar ao desenvolvido por um modem (modulador / demodulador) de computador. Tal equipamento converte os sinais digitais (informações) do computador de partida em sinais adequados para serem transmitidos pela rede de telefonia pública. Do outro lado da linha, outro modem recebe os sinais enviados pelo primeiro, converte-os para a língua do computador de chegada e entrega “o pacote” de informação. Para assegurar a comunicação entre equipamento de partida e de chegada, é necessário que modem e computadores partilhem do mesmo protocolo que são as regras que definem o formato, a modulação e a velocidade de transmissão dos dados. O intérprete comunitário (modem) recebe a informação do computador de partida (paciente / refugiado), converte as informações (diálogos) e as entrega para o computador de chegada (profissional de saúde / assistência social). Para que não haja ruído na transmissão, o modem (intérprete) precisa conhecer os protocolos (repertório cultural) de ambos, emissor e receptor. Todo esse repertório cultural, e não somente regras gramaticais, auxiliam na polidez do discurso (GILE, 2009) e aproxima os interlocutores; cria laços de confiança que propiciam um ambiente positivo, diminuem a resistência. O intérprete, mediador cultural, investiga e desmistifica os temores do interpretado, recebe elementos do conjunto sígnico (repertório cultural) do emissor, decodifica-os para equivalentes no conjunto sígnico do receptor e transmite a mensagem. Esse processo comunicativo trípole pode ser representado pelo seguinte quadro:

Figura 1 – Relação trípole na interpretação



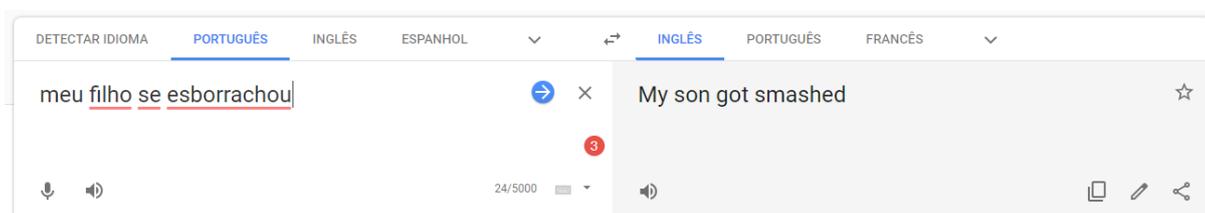
Cabe aqui salientar para o leitor que este texto não toma como base o paradigma clássico, ou informacional, da comunicação que a identifica como um processo linear de transmissão da informação (FRANÇA, 2003. p. 38). O exemplo de transmissão de via modem foi usado apenas para ilustrar o caminho mais comum percorrido pela informação durante o ato interpretativo, sem considerar, porém, o papel de sujeito social dos envolvidos, pois, como demonstrado na figura 1, a interpretação contém um elemento a mais em relação à interpretação realizada pelo modem: a adequação ou mediação.

Intérpretes especializados na área médica atuam como conversores / mediadores no diálogo entre paciente e profissionais de saúde, pois mesmo que ambos falem “um pouco” da língua um do outro, o não partilhar do mesmo protocolo (terminologia médica e repertório cultural), interfere na qualidade da informação / interpretação. Detalhes linguísticos e extralinguísticos (voz e gestos) compõem uma amálgama muitas vezes sólida dentro do discurso. O simples *switch* (troca) linguístico não é suficiente. O intérprete, seja de conferência, forense ou especializado em contextos médicos, é um leitor de signos linguísticos e não linguísticos.

Embora a linguagem do gesto e da voz sejam igualmente naturais, a primeira, contudo, é mais fácil e depende menos das convenções: pois é maior o número de objetos que impressionam nossos olhos do que o dos que impressionam nossos ouvidos e as formas têm uma variedade maior do que os sons; elas são também mais expressivas e dizem mais em menor tempo. (ROUSSEAU, 2003. p. 100)

Jargões ou termos “intraduzíveis”, palavras que podem não ter referências diretas no repertório de chegada, compõem mais um dos desafios enfrentados pela interpretação comunitária. Para demonstrar a possível situação adversa que tais peculiaridades podem causar em um contexto médico, é proposto como experiência, a tomada de uma sentença que não possui referência direta em inglês, língua com a qual este estudo lida, mas que é comum à cultura das ruas da capital paulista: “meu filho se esborrachou”. Usou-se como apoio à interpretação a ferramenta de tradução automática *Google Translator*® com a qual o seguinte resultado foi obtido:

Figura 2 - *Google Translator*®



Fonte: Google

A sentença em inglês *my son got smashed*, de acordo com o *Urban Dictionary*®, dicionário de gírias e jargões comuns do inglês, significa estado de embriaguez excessiva. A possível conduta tomada por um médico não proficiente em português, seria totalmente díspar à necessária e o propósito da interpretação não teria sido alcançado.

Figura 3 – Urban Dictionary



Fonte: Google

Um indivíduo crescido no Brasil entenderá o dito popular “matar dois coelhos com uma cajadada só”, enquanto para um americano, o dito seria “matar dois pássaros com uma mesma pedra”, já mais ao leste, na China, ouve-se “matar dois dragões com uma só lança de fogo”. Isto posto, justifica-se o uso profissionais tradutores e intérpretes, pois estes podem evitar erros grosseiros, mesmo assim, com alguma perda em sentenças que possuem algum grau de ambiguidade léxica ou sintática (GILE, 2009. p. 96).

Conhecer a cultura do interpretado auxilia no trabalho de mediação desenvolvido pelos intérpretes, principalmente no tocante à linguagem não verbal. Uma “comunicação mais assertiva pode melhorar a satisfação do paciente e sua resposta clínica” (ANGELELLI, 2004, apud ROSENBERG, LUSSIER AND BEAUDOIN, 1997, p. 86). De acordo com HALE, 2007, a interpretação conduz o

significado da interação ao nível do discurso considerando a dimensão pragmática da língua. Essa consideração carrega em si a intenção original implícita na fala do interpretado, suas diferenças lexicais, gramaticais e sintáticas as quais são raramente adequadas quando uma tradução literal é utilizada. (HALE, 2007. p. 42). Um termo confuso ou dúbio pode comprometer tanto a relação do paciente turista com o profissional que o atende, quanto à aderência e o resultado do tratamento / encaminhamento.

A interpretação (do repertório cultural), bem como sua presença nas relações comunicativas, está ligada tanto com a operação de tradução das informações recebidas ao repertório e às contingências culturais do destinatário, quanto ao deciframento do código de transmissão. (LARUCCIA, 2004. p. 93)

No artigo *Cross-Cultural Medicine: A Decade Later. Translation is not enough* (Medicina Intercultural: Uma década mais tarde. A tradução não é suficiente), a intérprete e tradutora Linda Haffner, especializada em contextos médicos, descreve algumas experiências durante um dia típico de interpretação no *Stanford University Medical Center* (Centro Médico da Universidade de Stanford), Califórnia. Em um de seus relatos, o anestesista da sala de parto solicita a Haffner que interprete suas explicações a respeito da anestesia epidural a uma paciente gestante de 18 anos, mexicana, não proficiente em inglês (LEP), a qual apresentava contrações regulares, mas somente 4 centímetros de dilatação. A tensão e a dor interferiam no parto, portanto, a enfermeira de plantão naquele momento sugeriu o bloqueio epidural, procedimento realizado por médicos especialistas em dor, que consiste em injeção de anestésico local e uma medicação anti-inflamatória no espaço peridural, localizado entre as paredes do canal vertebral e a membrana que envolve a medula (dura máter). No entanto, o procedimento foi recusado pela paciente.

Após uma breve conversa, a intérprete pode verificar que a real preocupação da parturiente foi quanto ao entendimento do que lhe foi oferecido. A futura mãe entendera que lhe fora oferecida a *raquea* ou *raquidea*, termo usado pela população rural do México para o procedimento conhecido nos Estados Unidos como *spinal block* (anestesia espinhal). Aquela população costuma associar a esse procedimento um alto índice de complicações graves e, portanto, a interpretada temia adquirir problemas crônicos nas costas ou ter, para o resto da vida, suas pernas paralisadas.

Não obstante, o marido, que acompanhava o parto, afirmava que se sua esposa não sentisse dor, não seria realmente mãe, outra crença comum entre aquela população.

Submeter-se a um procedimento comum em seu país era o entendimento e temor da primigesta. O papel da intérprete foi de mediação cultural ao explicar que os procedimentos realizados no México e nos Estados Unidos eram diferentes. Portanto, pode-se afirmar que segundo o *Medical Interpreting Standards of Practice* (Padrões de Prática da Interpretação em Cenários Médicos),

a principal função do intérprete especializado em contextos médicos é tornar possível a comunicação entre o profissional de saúde e o paciente que não falam a mesma língua. Ao realizar essa função, o compromisso do intérprete é com os objetivos da entrevista clínica. A presença do intérprete faz com que seja possível para paciente e profissional de saúde atingirem os objetivos de seu encontro como se estivessem conversando diretamente um com o outro.<sup>3</sup> (MEDICAL INTERPRETING STANDARDS OF PRACTICE, 2007. p. 49)

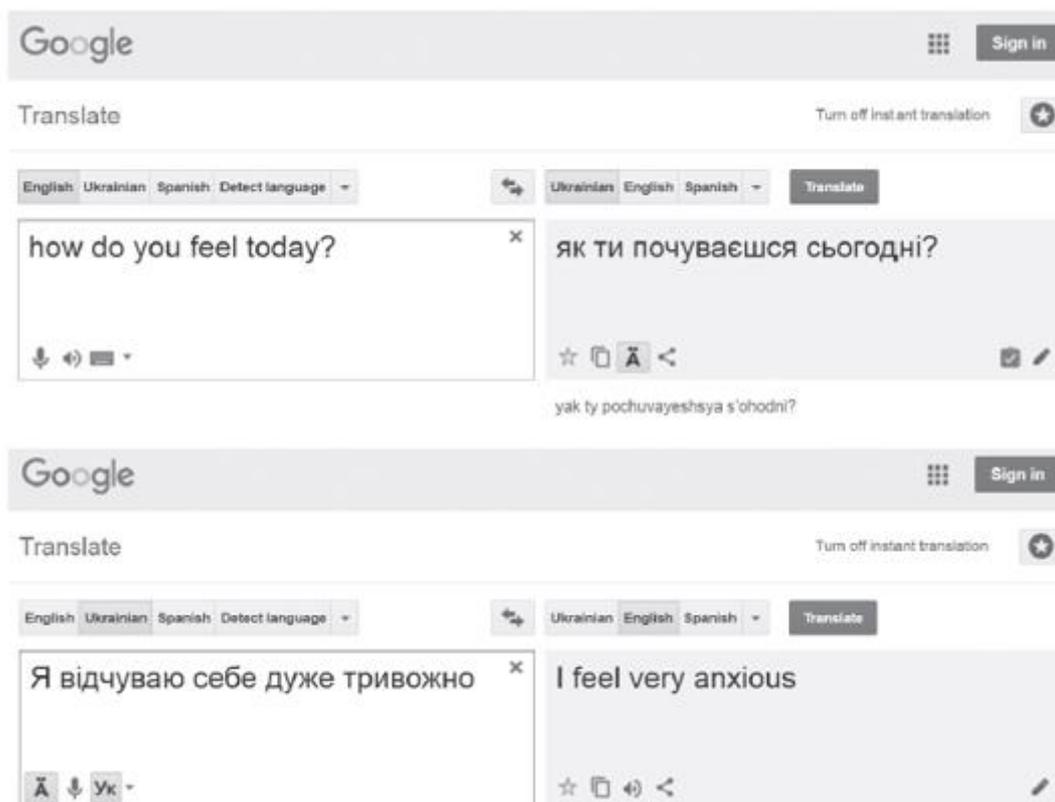
F.O. Leite *et al* descreve no artigo “*Using Google Translate® in the hospital: A case report*” (O uso do *Google Translate®* no hospital: Relato de caso) como o uso da ferramenta de tradução *on line* ajudou na comunicação com “K”, paciente ucraniano, 25 anos, que deu entrada na psiquiatria do Hospital Magalhães Lemos, Cidade do Porto, Portugal. F.O. Leite *et al* descreve que o paciente, que vivia a cinco anos em Portugal, não era fluente em português e, como não havia intérpretes especializados em contextos médicos na ocasião e local, a mãe do enfermo atuou como intérprete *ad hoc*<sup>4</sup>. Mesmo com a intervenção da mãe de “K”, a comunicação ainda se mostrava deficiente, portanto, a equipe decidiu implementar o uso da ferramenta de tradução *on line Google Translate®* como instrumento de interação em busca de melhora na comunicação. No artigo são descritas interações simples, sem uso de terminologia médica e sem a necessidade de mediação cultural como demonstrado na ilustração retirada do texto em questão:

---

<sup>3</sup> The primary function of the medical interpreter is to make possible communication between a health care provider and a patient who do not speak the same language. In performing this function, the medical interpreter's commitment is to the goals of the clinical interview. The presence of the interpreter makes it possible for the patient and provider to achieve the goals of their encounter as if they were communicating directly with each other.

<sup>4</sup> Intérprete *ad hoc* são indivíduos que não pertencem à área de interpretação, mas que, por possuírem algum conhecimento na língua de chegada, são convocados a atuarem como intérpretes.

Figura 4 – Google Translate



Fonte: F.O. Leite *et al* Google Translate©

Na conclusão do artigo, F.O. Leite *et al* concordam que o único método válido para a interpretação em cenários médicos é a interpretação humana (F.O. Leite *et al.*, 2016). Isto posto, é importante observar que, no caso do paciente do Hospital Magalhães Lemos, em Portugal, não foi relatada a troca de informações médicas relativas ao tratamento ou a necessidade de intermediação cultural. A ferramenta de tradução do Google desempenhou seu papel somente como recurso na interação social do paciente com a equipe de saúde. Portanto, o uso dessa ferramenta deve ser prudente sem que nele estejam baseadas comunicações médicas cujos teores sejam importantes para o quadro clínico do paciente, salvo apenas se todas as possibilidades de se encontrar um intérprete já tenham se esgotado e o procedimento ao qual o paciente se sujeita seja clinicamente urgente.

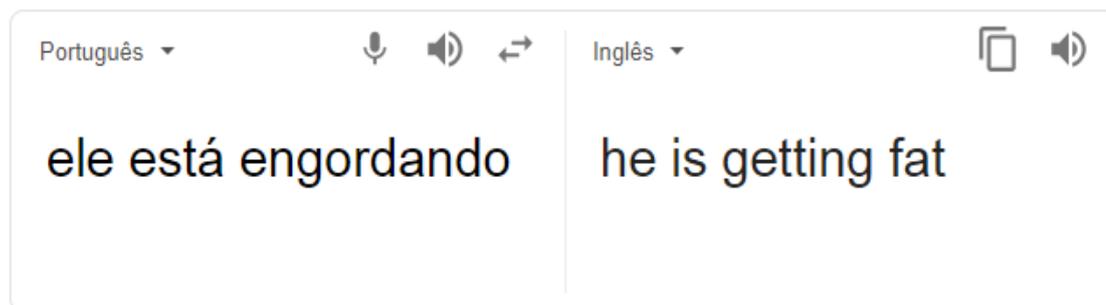
Com base no disposto acima, é proposta a análise do uso do *Google Translate*© em uma situação fictícia e em português, onde uma mãe leva seu filho à consulta médica na qual é atendida por um médico não fluente em português<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> A decisão de usar o inglês como exemplo se dá devido ao número relevante de pacientes turistas entrevistados que declararam ter essa língua como pátria, ou segunda língua, como será demonstrado adiante.

Ao ser interpelada sobre o estado de saúde de seu filho, a mãe brasileira responde “meu filho está engordando”. No repertório cultural brasileiro, a sentença pode ser compreendida como “meu filho está bem” ou “meu filho está melhorando”.

○ resultado na tradução *on line* foi:

Figura 5 – *Google Translate*



Fonte: *Google Translate*©

Este resultado, se analisado sob o viés cultural do inglês, é díspar ao contexto cultural brasileiro, pois, o médico, não proficiente em português, entenderia que o infante corre o risco de obesidade, portanto, precisa emagrecer. Sobre esse exemplo é, portanto, possível concluir que no ato de interpretar há uma série de considerações e habilidades complexas que estão muito além do aprendizado gramatical de duas línguas. O intérprete especializado em contextos médicos lê os signos linguísticos e não linguísticos do paciente, utiliza seu repertório pessoal para converter a mensagem da forma mais clara e objetiva possível na outra língua e, só depois de todo esse processo mental de desconstrução e reconstrução de informações, entrega a mensagem ao profissional de saúde. Ele é, portanto, essencial para o entendimento e para a aderência do paciente ao tratamento. Algumas instituições médicas da cidade de São Paulo, porém, ainda não partilham desse entendimento, como será demonstrado a seguir.

## 2.2 A interpretação em contextos médicos na cidade de São Paulo: no limite do amanhã

Uma melhor comunicação entre o profissional de saúde e paciente pode melhorar tanto a satisfação deste quanto sua resposta clínica.

Claudia Angelelli

No prefácio do livro *Introdução à Interpretação Forense no Brasil* (2018), de Jaqueline Nordin, o juiz federal Paulo Marcos Rodrigues de Almeida, atuante na área da Justiça Federal que atende às ocorrências registradas no Aeroporto de Cumbica, maior aeroporto da América Latina, em Guarulhos, São Paulo, declara que:

Os brasileiros têm o mau hábito de acreditar que, porque um improviso em uma emergência deu certo, é dispensável aprender como fazer as coisas direito. E assim, de improviso em improviso, os brasileiros vão se desapegando das exigências do estudo e da preparação, se entregando, mesmo sem perceber, a um estado permanente de emergência em quase todas as áreas de atuação profissional, em que o improviso – contrariando a própria noção de improviso – tornou-se a regra em quase tudo. [...] o brasileiro desenvolveu uma atávica convicção pessoal de que o estudo e a preparação são pura perda de tempo: “para que fazer direito, se dá para fazer de qualquer jeito? Preparar-se – e preparar-se com método – definitivamente não é um esporte nacional. [...] a interpretação forense [...] ainda é vista no Brasil como atividade menor, incapaz de despertar grande atenção dos envolvidos. Segue, por isso mesmo, condenada ao absoluto amadorismo, despreocupação e improviso, desde a seleção, treinamento e orientação dos “intérpretes”, até a atuação e remuneração destes na prática. (NORDIN, 2018. p. vii)

Durante o desenvolvimento desta pesquisa foi testemunhado que nas instituições de serviços de saúde visitadas a interpretação em contextos médicos na cidade de São Paulo trilha a mesma senda, onde o paciente turista está entregue a profissionais de saúde não fluentes em inglês ou aos seus acompanhantes, estes últimos indivíduos que não têm, necessária ou obrigatoriamente, o domínio linguístico de termos médicos. A falta de profissionalização da interpretação dentro das instituições em 2019 se assemelha a situação comentada por Maria-Paz Beltran Avery em artigo publicado para *The National Board of Interpreting in Health Care – Working Paper Series*, 2001, onde explanou que:

Enquanto a função de interpretar com o objetivo de permitir a comunicação entre um paciente e um profissional de saúde que não falam a mesma língua tem acontecido por um bom tempo, no passado essa função era exercida principalmente por intérpretes *ad hoc*. Qualquer pessoa que estivesse livre era chamada imediatamente: membros da família (inclusive crianças), profissionais do hospital que não pertenciam a equipe médica e até outros pacientes. Era uma prática que corria um grande risco de uma comunicação

inadequada, resultando em diagnósticos equivocados e tratamentos inapropriados que poderiam, no pior dos casos, resultar na morte do paciente. Esses indivíduos não treinados possuíam pouco ou nenhum entendimento de conceitos ou terminologia médica e muito menos entendiam a importância da precisão e da completude nas mensagens que transmitiam. Como resultado mensagens incorretas eram frequentemente transmitidas, informações novas eram adicionadas ou omitidas mudando drasticamente a natureza da mensagem original”<sup>6</sup>. (AVERY, 2001, p. 2)

Um dos entrevistados da segunda instituição pesquisada relatou que testemunhara em seu setor, oncologia ginecológica, uma menina de 12 anos, “interpretar” para sua mãe, não fluente em português, que ela, a mãe, possuía um tumor maligno no útero. Esta análise não busca discorrer sobre questões psicológicas das envolvidas no discurso, mãe e filha, porque não a compete. Chama, porém, à reflexão sobre a situação sob o ponto de vista humano. Qual o nível do possível trauma causado em ambas? Quais foram os procedimentos solicitados à paciente? Quais as condutas? Qual o próximo passo após aquela consulta? Será que todas as informações relativas à vida da paciente turista foram recebidas por ela de modo claro e inteligível sem a presença e o auxílio de um intérprete? Quantos pacientes turistas passam, todos os dias, por situações semelhantes dentro dos consultórios e corredores daquelas três instituições paulistanas? Quantos mais passarão? Quando o intérprete especializado na área médica será reconhecido como elemento fulcral na comunicação entre médico e paciente turista? Quantas vezes ainda teremos que repetir a última pergunta?

Quantas?

---

<sup>6</sup> While the function of interpreting in order to allow communication between a patient and a health care provider who do not speak the same language has been going on for a long time, in the past this function was performed mostly on an ad hoc basis. Calling on whoever was immediately available – family members (including children), non-medical hospital staff, and even other patients – it was a practice that ran a high risk of inadequate communication resulting in misdiagnosis and inappropriate treatment that could, in a worst case scenario, result in the death of the patient. Such untrained individuals, often had little or no understanding of medical concepts or terminology and much less understanding of the importance of accuracy and completeness in the messages they conveyed. As a result, erroneous messages were often transmitted, new information added, or critical information omitted, drastically changing the nature of the original message.

## 2.3 Em busca de respostas

[...] O maior bem para um homem é justamente este, falar todos os dias sobre a virtude e os outros argumentos sobre os quais me ouvistes raciocinar, examinando a mim mesmo e aos outros e, que uma vida sem esse exame não é digna de ser vivida.

Platão

A coleta de dados para este estudo foi dividida em quatro fases, sendo todas com características de “pesquisa-ação”, pois além da observação, visaram intervir na situação com o objetivo de modificá-la (SEVERINO, 2017, p.127); e de “pesquisa de campo”, pois o objeto foi abordado em seu meio ambiente (SEVERINO, 2017, p.131). Cada uma das fases foi composta por questões sistematicamente articuladas que visaram conhecer a opinião dos respondentes (SEVERINO, 2017, p.134).

Na fase 1, objetivando desenhar seus perfis, foram abordados 74 pacientes turistas. Na fase 2, 151 colaboradores de duas grandes instituições hospitalares, acreditadas pela *Joint Commission International*<sup>7</sup>, foram ouvidos. A primeira instituição é referência no tratamento oncológico e a segunda, no tratamento cardíaco. Nessa fase, ambicionou-se delinear o perfil linguístico dos profissionais que prestam atendimento aos pacientes turistas. As fases 3 e 4 foram realizadas com alunos do 4º, 5º e 6º semestres do curso de Tradutor e Intérprete de uma IES (Instituição de Ensino Superior) privada. Todas as fases da pesquisa foram realizadas na cidade de São Paulo.

Antes do início das fases 1 e 2, solicitou-se às diretorias das organizações hospitalares, permissão para a coleta de dados no interior de seus prédios. Para tanto, o conteúdo e intento deste estudo lhes foi apresentado. Contudo, ao tomar ciência do objeto pesquisado, ambas as diretorias indeferiram o acesso direto a seus colaboradores. Isso posto, as entrevistas foram realizadas na rua, nos horários de troca de plantão e a coleta de dados ocorreu entre os meses de março e junho de 2018.

---

<sup>7</sup> A *Joint Commission International* é comissão responsável pela acreditação internacional de organizações de saúde em todo o mundo.

## 2.4 Fase 1: o retrato do paciente turista

Gráfico 1 – Nacionalidades (números totais)

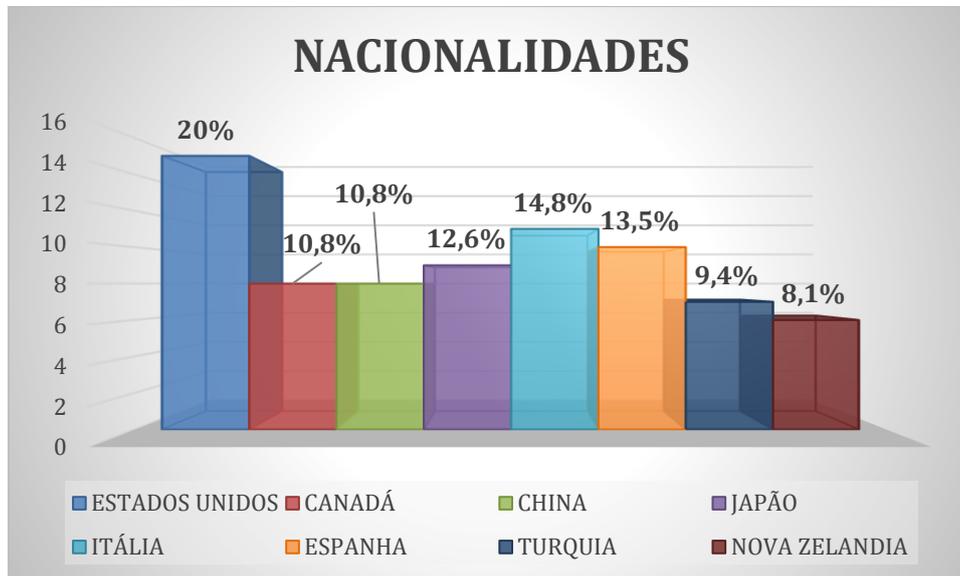


Gráfico 2 – Falantes de uma segunda língua

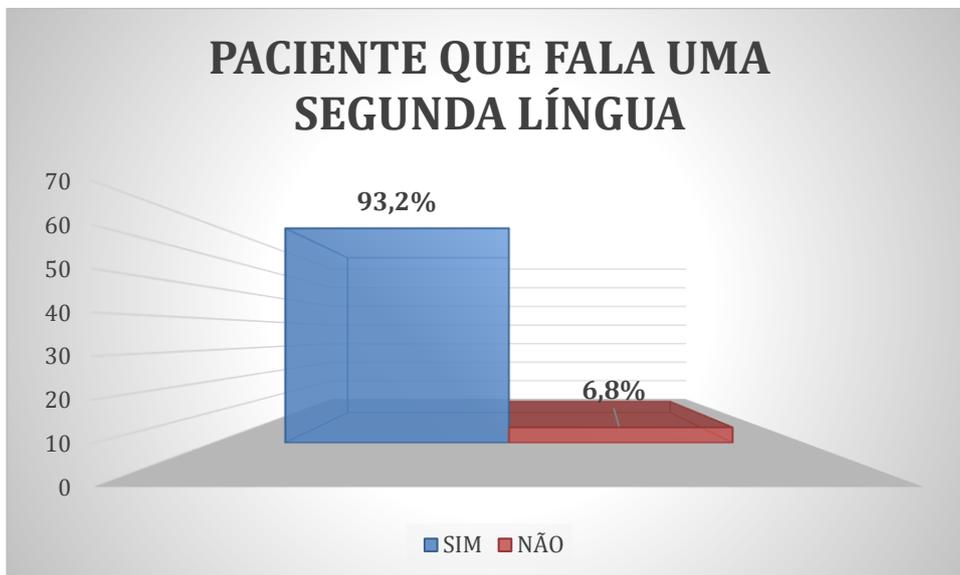


Gráfico 3 – Outras línguas



Gráfico 4 – Número de acompanhantes

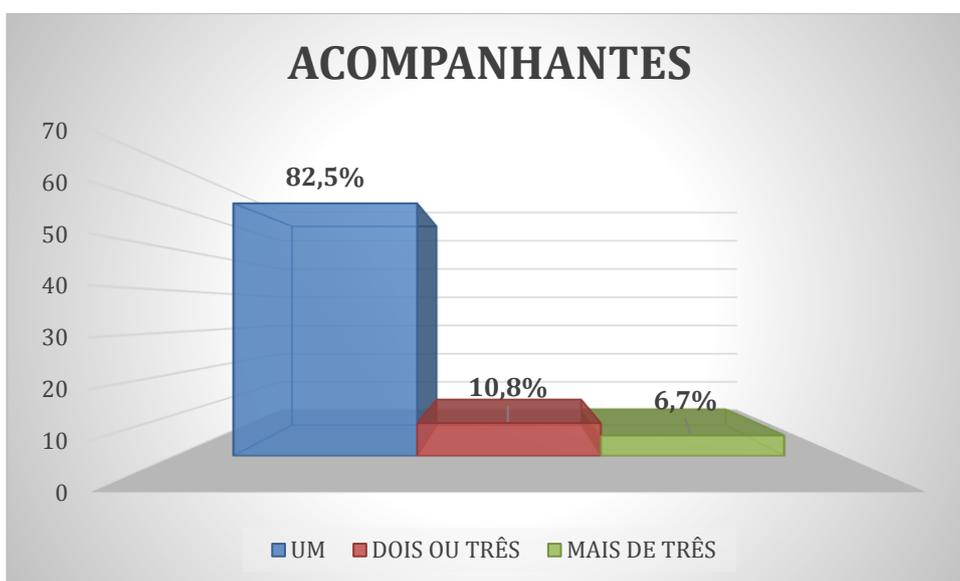
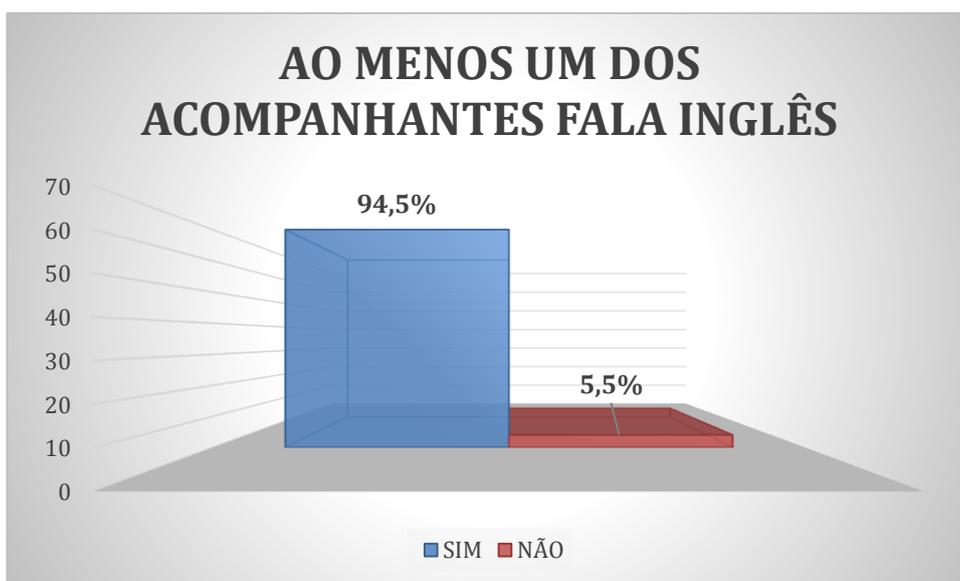


Gráfico 5 – Ao menos um dos acompanhantes fala inglês



## 2.5 Ainda que eu falasse as línguas dos anjos, e não falasse inglês, eu não me comunicaria

O paciente é a parte mais frágil entre os três (paciente, profissional de saúde, intérprete). A relação do médico com o paciente é mais importante do que a prescrição dos cuidados médicos.

Claudia Angelelli

De acordo com os dados coletados, é possível inferir que o paciente turista que desembarca na cidade de São Paulo é falante de uma segunda língua, que essa segunda língua é o inglês; que esse turista tem um ou dois acompanhantes e que pelo menos um de seus acompanhantes também fala inglês. Dentre os pacientes turistas entrevistados, 66,4% declararam falar inglês como segunda língua. Somados aos 20% de pacientes turistas americanos e 10,8% canadenses, que têm o inglês como língua materna, é possível afirmar 97,2% dos indivíduos são aptos a se comunicar nesse idioma. A frequência observada de falantes de inglês entre os acompanhantes foi ainda maior, pois 94% deles declararam que ao menos um de seus acompanhantes estava apto a expressar-se fluentemente em inglês.

Em mais de cem países o intercâmbio comercial, tecnológico cultural, a tradição histórica, assim como a conveniência política, faz com que o inglês se revele como a principal língua estrangeira ensinada nas escolas, fato que proporciona ao idioma o título de língua global. (CRYSTAL, 2003).

[...] o inglês alcançou esse estágio. [...] cerca de um quarto da população mundial já é fluente ou competente em inglês e esse quadro cresce exponencialmente – isso significa que no início dos anos 2000 esse número será por volta de 1,5 bilhão de pessoas. Nenhuma outra língua consegue alcançar essa marca. Mesmo o chinês, encontrado em oito línguas diferentes, mas, unificado em um único sistema de escrita, é conhecido por “somente” 1,1 bilhão de pessoas. (CRYSTAL, 2003. p. 6) “tradução nossa”<sup>8</sup>

De acordo com a reportagem de 13 de janeiro de 2018, publicada no site do jornal *O Estado de São Paulo*, o inglês é hoje, sem dúvida, a língua mais usada nas

---

<sup>8</sup> [...] English has already reached this stage. [...] about a quarter of the world's population is already fluent or competent in English, and this figure is steadily growing – in the early 2000s that means around 1.5 billion people. No other language can reach this growth. Even Chinese, found in eight different spoken languages, but unified by a common written system, is known to only some 1.1 billion.

relações internacionais de comércio e negócios. Para o mercado de trabalho, ainda de acordo com o mesmo jornal, o inglês é atributo essencial. No site da CATHO, empresa especializada na divulgação de currículos e vagas na internet, na sessão “Carreira & Sucesso”, de 07 de agosto de 2015, o texto de Christiane Nociti concorda com o anterior, ao afirmar que “o inglês fluente é cada vez mais exigido pelas empresas”.

O levantamento de dados deste estudo contesta as afirmações de ambos os sites e infere que tais afirmações não são aplicáveis às duas grandes instituições de saúde pesquisadas, pois realidade apresentada pelos veículos de comunicação difere daquela encontrada em meio aos profissionais entrevistados, como demonstrado a seguir.

## 2.6 Fase 2: o retrato do profissional de saúde

Gráfico 6 – Pergunta 1

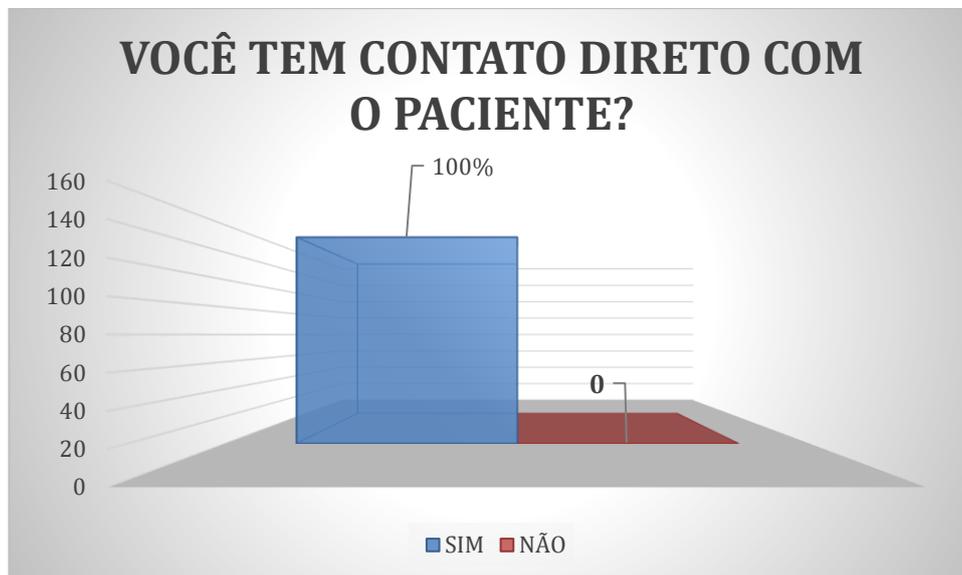


Gráfico 7 – Pergunta 2

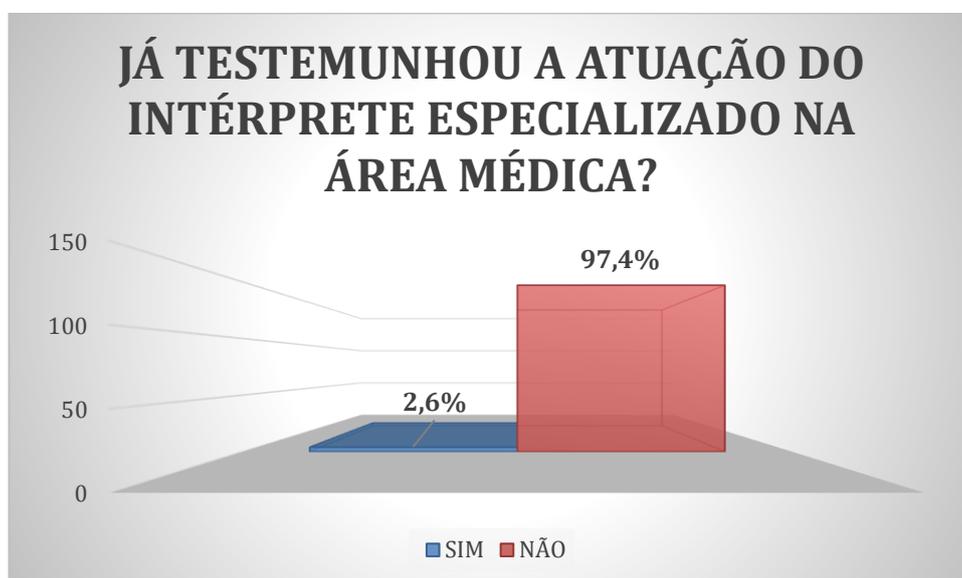


Gráfico 8 – Pergunta 3

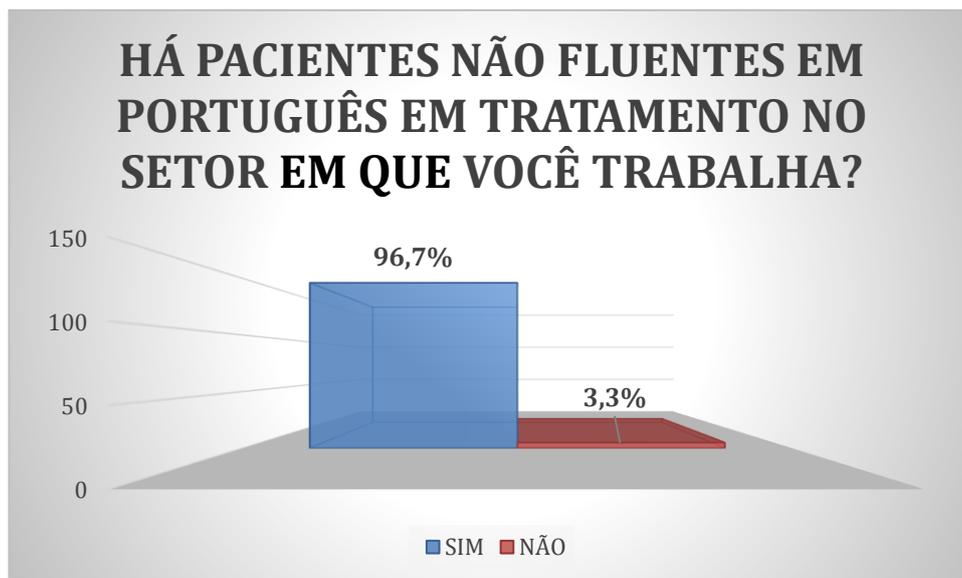


Gráfico 9 – Pergunta 4

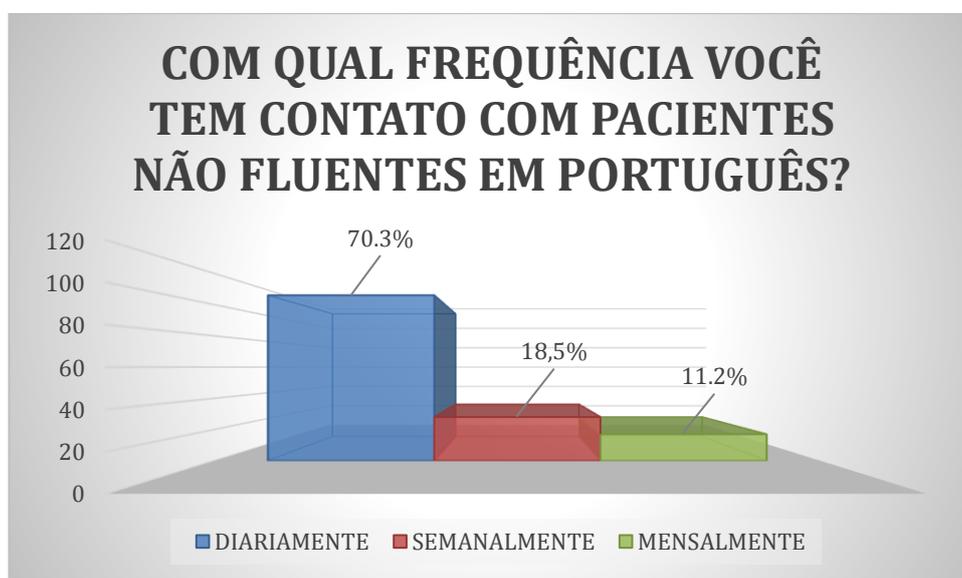


Gráfico 10 – Pergunta 5

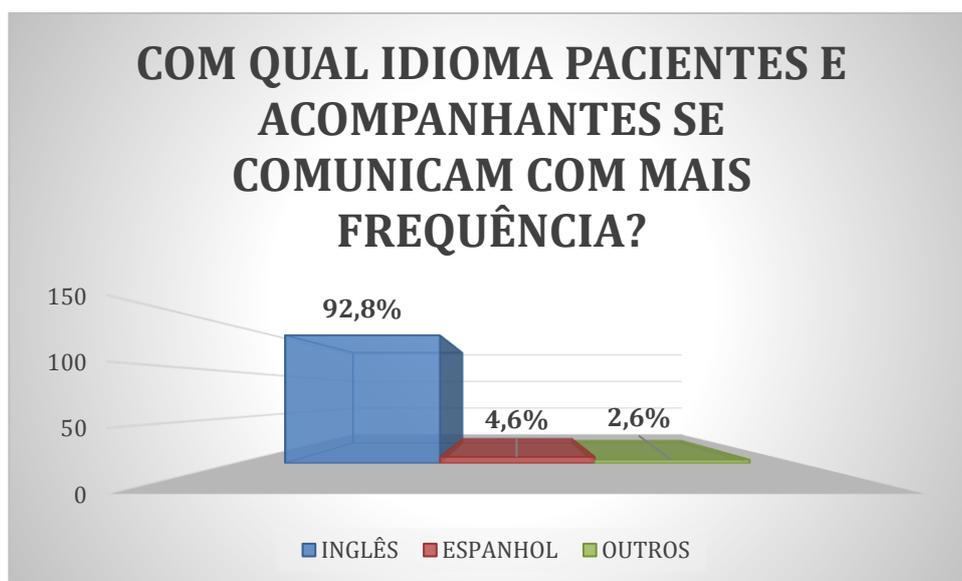


Gráfico 11 – Pergunta 6



Gráfico 12 – Pergunta 7

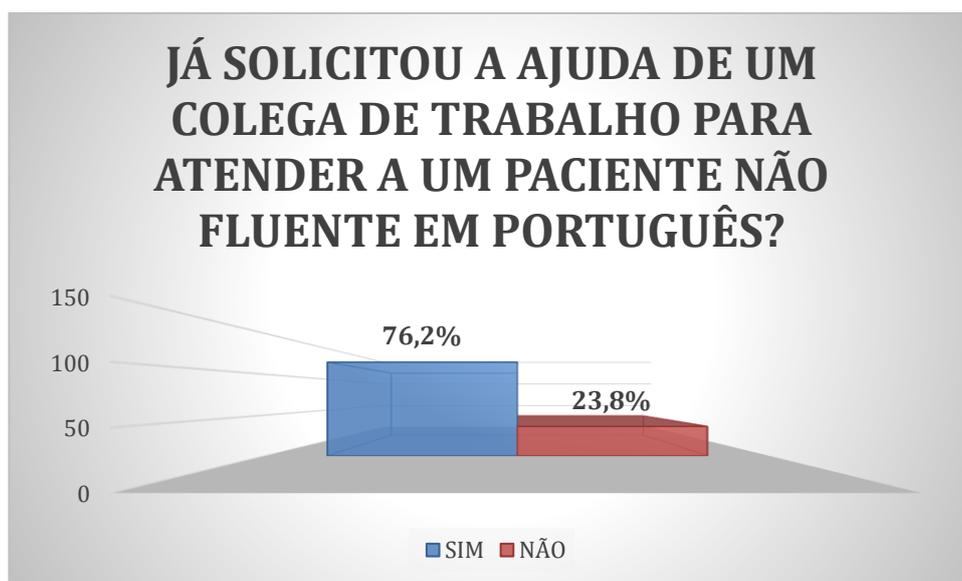


Gráfico 13 – Pergunta 8

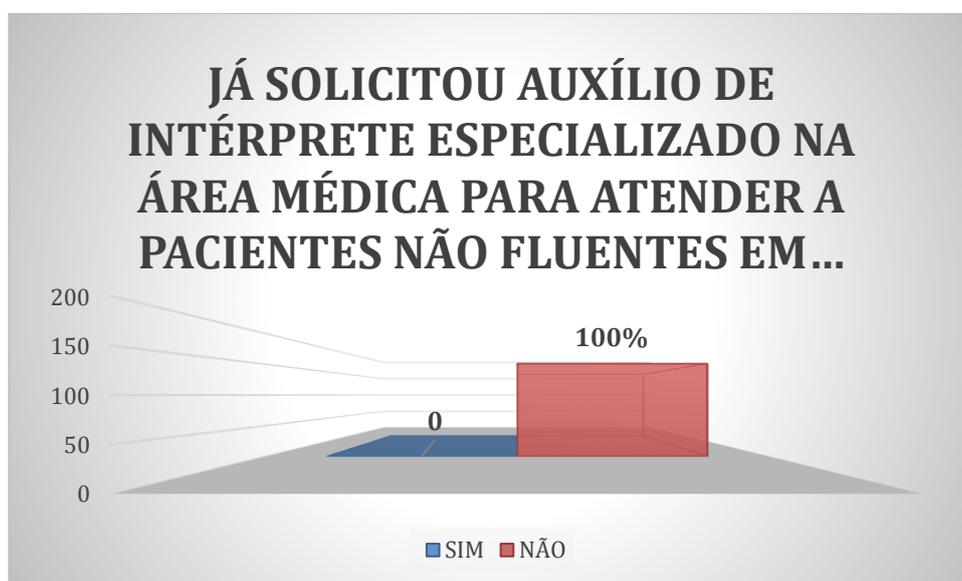


Gráfico 14 – Pergunta 9

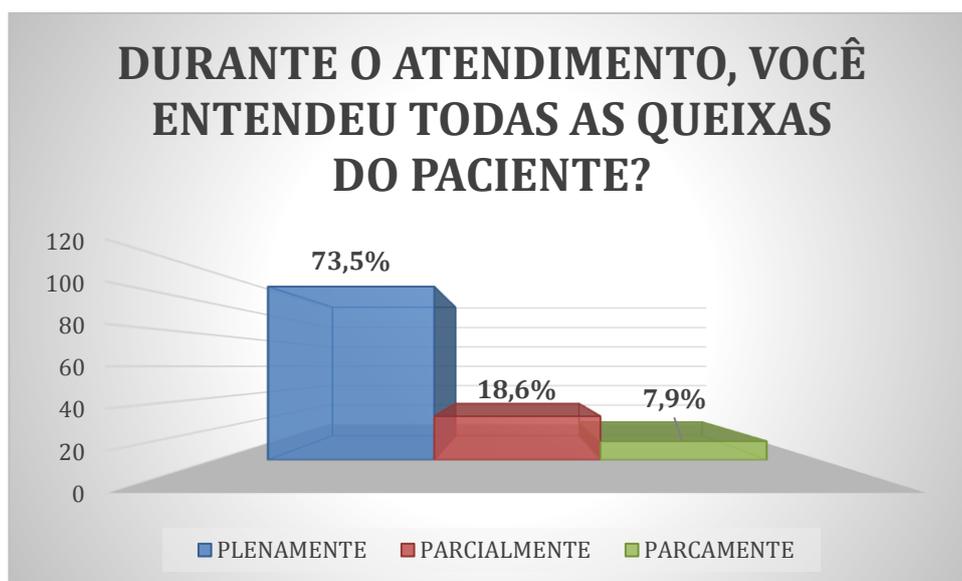
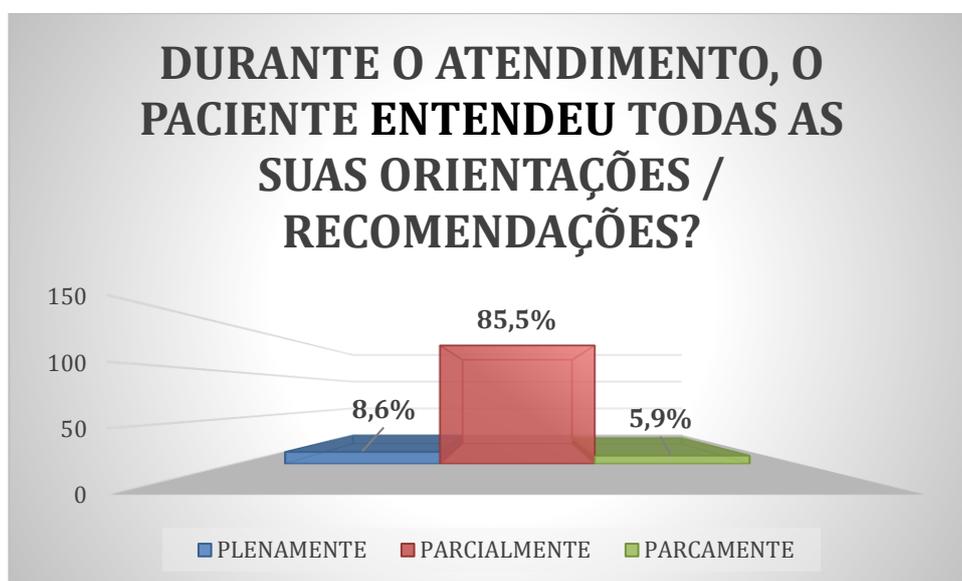


Gráfico 15 – Pergunta 10



## 2.7 Guernica da interpretação

Eles (os intérpretes) se tornam profissionais através da experiência e da prática.

Claudia Angelelli

As respostas para as perguntas de número 1, 3 e 4 demonstram que 100% dos profissionais de saúde entrevistados lidam diretamente com pacientes turistas, com os acompanhantes destes e que a presença de pacientes não fluentes em português em seus setores é constante. Já a interpretação especializada na área médica, pergunta de número 4, é praticamente desconhecida, pois somente 2,6% dos entrevistados declararam já terem visto o trabalho do intérprete. Enquanto isso 92,8% dos respondentes afirmam que a língua mais falada entre pacientes turistas e seus acompanhantes é o inglês.

Na contramão do exposto na questão 4, 68,9% dos respondentes qualificaram seu nível de proficiência em inglês como intermediário, 3,3% consideraram-se avançados e 27,8%, básicos. Após a coleta desses dados, o entrevistador manteve pequeno diálogo avaliativo, em inglês, com cada um dos respondentes, com o objetivo de obter dados comparativos que pudessem confirmar as auto avaliações. O critério de nivelamento usado para esse diálogo foi baseado nos currículos e níveis de três conhecidas escolas de idiomas (franquias). Seus professores também foram entrevistados com o objetivo de obter informações complementares a respeito do produto (aulas) que é oferecido por eles. Isto posto, os níveis de proficiência e suas competências foram definidas da seguinte forma:

- Básico: compartilha informações pessoais como nome, telefone, endereço, idade, profissão e as mesmas informações sobre um terceiro;
- Intermediário: compartilha informações sobre atividades do dia anterior e sobre planejamento de férias;
- Avançado: compartilha informações sobre memórias de infância, está apto a completar corretamente as sentenças *I would be happy if...* e *if I had had the opportunity to...* e a desenvolver uma breve narrativa usando *before the police arrived... and then...* (correção realizada *ad momentum*).

Sob esse parâmetro, observou-se que 80% respondentes não estavam aptos a compartilhar informações básicas, 15% compartilharam informações de nível intermediário, enquanto, entre os avançados, o número foi de 5%. Portanto, a constatação deste último dado concorda com as reportagens dos sites *Valor Econômico* e *O Globo Educação*, ambos publicados em 30 de outubro de 2018, que afirmam que o nível de proficiência do brasileiro em língua inglesa é baixo. As reportagens baseiam-se no exposto pelo relatório da empresa de idiomas *EF, Education First*, que contou com a participação de 1,3 milhão de respondentes em 88 países, e que, também de acordo com *O Globo*, é a classificação mundial mais abrangente entre a população adulta de países que não têm o inglês como sua língua vernácula. No mesmo relatório consta que todas as edições anteriores mostraram que há correlação entre a proficiência em língua inglesa e um melhor ambiente de negócios, e posiciona o Brasil em 53º lugar, atrás da Argentina, Uruguai e Chile.

Se dispostos lado a lado, os resultados dos auto-nivelamentos são díspares aos experimentado pelo autor deste estudo durante diálogo travado com todos os respondentes e concordam com o disposto no relatório da *EF, Education First*. Com base nesses dados, é possível afirmar que há ruído, mesmo que não admitido pelos profissionais de saúde, no diálogo com o turista paciente, fator que aumenta o risco de falha na comunicação e empobrece a relação entre atendente e atendido. Essa relação é, em diversos momentos, mais importante que os próprios cuidados médicos, pois pacientes que mantêm uma relação confortável e de confiança com os profissionais de saúde, têm a tendência a aderir de forma mais consistente ao tratamento e demonstram uma preocupação menor com o mal enfrentado (ANGELELLI, 2004. *Apud* FERGUSON AND CANDIB, 2002; ZOPPI AND EPSTEIN, 2002, p.16).

Em conversa informal, um respondente relatou que durante um plantão noturno, em fevereiro de 2018, enquanto cumpria estágio obrigatório, deu entrada no pronto socorro daquela instituição, paciente oriental, masculino, obeso, por volta de 40 anos, não falante de português, mas falante de inglês. Como nenhum dos profissionais daquele plantão era fluente em inglês, o anestesista decidiu auxiliar os colegas durante o atendimento usando como recurso seu *tablet* e acessando o *Google Translate*®, com o qual o atendimento foi mediado desde o acolhimento. Após minutos de discussão, embasada nos resultados linguísticos fornecidos pelo dispositivo

eletrônico, a equipe médica concluiu que o paciente apresentava processo de enfarto e precisava se submeter a procedimento cirúrgico urgente.

As respostas à pergunta 2, 7 e 8 concluem que o serviço de interpretação nas instituições pesquisadas está entregue, se não a dispositivos eletrônicos, como relatado pelo respondente anterior, a intérpretes *ad hoc*, circunstância que pode, de acordo com Angelelli (2004), levar a erros de leitura não verbal que afetam a satisfação do profissional de saúde e do paciente, com relação à qualidade do encontro. A mesma autora ainda afirma que membros da família que atuam como intérpretes *ad hoc* tendem a responder perguntas arbitrariamente à vontade do paciente, além de expor suas opiniões próprias e não interpretarem por completo as informações recebidas. Essa interpretação inadequada pode resultar em falsos diagnósticos, tratamentos incorretos ou imprecisos, redução na confiança que o paciente deposita no profissional de saúde e declínio na qualidade do atendimento.

As respostas das perguntas 9 e 10 demonstram o despreparo linguístico dos profissionais de saúde. É indispensável notar que um encontro médico, onde há necessidade de mediação linguística e cultural, acontece mais lentamente do que aquele onde paciente e profissional de saúde partilham a mesma língua. Mesmo estes últimos, podem ser retardados pela quantidade de termos técnicos empregados no diálogo. Ser entendido pelo profissional de saúde significa, para o paciente, muito mais do que uma questão linguística. Significa ser compreendido naquilo que ele relata e acredita estar certo ou errado sobre seus próprios sintomas. A leitura de signos linguísticos e não linguísticos realizada pelos intérpretes especializados na área médica auxiliam no desenvolvimento de uma relação de colaboração entre médico e paciente, uma aliança terapêutica onde parceiros estão engajados num esforço comum contra uma doença. (ANGELELLI, 2004. p. 21).

## 2.8 A cabine de interpretação: o quarto do medo

Se analisarmos bem os temores mais frequentes na mente de um intérprete iniciante, veremos que são, em sua minoria, sociais e circunstanciais, e não receios técnicos. Decorrem quase todos da insegurança de um ofício que ainda não se conhece bem.

Ewandro Magalhães Junior

Como visto anteriormente, a habilidade interpretativa não é um dom divino e não treinável. É resultado de anos de formação e prática que possibilitam ao intérprete profissional driblar dificuldades e alcançar o objetivo basilar de seu trabalho: a comunicação. Esses recursos costumam resolver grande parte dos problemas enfrentados por ele (MAGALHÃES JUNIOR, 2007).

Todas as modalidades de interpretação estão sujeitas ao escrutínio público imediato, portanto, este estudo parte da hipótese de que os alunos do curso de bacharel em Tradutor e Intérprete da instituição pesquisada preferem a tradução, pois, devido à falta de prática acadêmica, vivência e proficiência linguística, temem o erro e à execração. Isto posto, repudiam a cabine, “o quarto do medo”, onde têm sua primeira experiência interpretativa. Rendem-se à fobia incapacitante (MAGALHÃES JUNIOR, 2007) e consideram-na difícil por representar algo penoso. Não conseguem definir claramente qual o risco real e o imaginário oferecidos pela cabine e pela interpretação em si. Tal turbidez gera insegurança em sua própria competência física para ouvir, interpretar e render um texto coerente.

Sobre esse medo que invade as mentes dos educandos, buscamos amparo no pensamento de Paulo Freire, quando comenta que não se pode permitir que o medo convença o educando a desistir de enfrentar o desafio, no caso, a cabine, sem esforço. Afinal, qual o medo real do aluno do curso de Tradutor e Intérprete ao se deparar com a cabine de interpretação pela primeira vez? É necessário que o educando se certifique com objetividade das razões que o levam a temer a interpretação, se essas razões são possíveis para, então, compará-las às possibilidades de superação e o que deve ser feito para que o medo seja superado (FREIRE, 2013a. p. 74)

Interpretar não é verter um texto literal e perfeito para a língua de chegada, portanto, os temores mais frequentes dos educandos baseiam-se em questões sociais, e não em conhecimentos técnicos de uma profissão que apenas começou a lhes ser apresentada. Sobre o mesmo assunto, MAGALHAES JUNIOR (2007), comenta que:

O problema, mais uma vez, reside em nosso desconhecimento, em nossa ignorância em relação ao que se espera de nós [...] Se eu imagino que todos esperam de mim um desempenho impecável, digno de uma máquina perfeitamente construída para substituir palavras e conceitos, transladando-os com precisão a um outro universo semântico, sofro a cada pequena hesitação e ao primeiro lapso de memória ou pronúncia. Se imagino que não posso errar, que todos na plateia estão ali para me julgar, crio um nível de tensão absurdo. No início da carreira, o que mais nos mete medo é o público. Quanto mais gente na plateia, pior. E se alguém vira a cabeça para trás, então, para procurar o intérprete dentro da cabine, aí aquele restinho de confiança que ainda resistia escorre pelo ralo. (MAGALHÃES JUNIOR, 2007. p. 65)

A preparação, fundamental para a interpretação, é uma aliada na luta contra o medo da cabine. O intérprete precisa ser, necessariamente, curioso. A leitura deve ser companheira constante, pois o ato de estudar, que nesse caso se alia ao ato de interpretar, implica no ato de ler, mesmo que nele não se esgote. Ler o mundo e as atualidades trarão detalhes importantes – ou mesmo cruciais – durante o trabalho como intérprete. Essa leitura não se encerra no puro exercício de memorização de trechos de determinado texto (FREIRE, 2007a).

Ainda sobre a leitura, Paulo Freire comenta que:

[...] não posso ultrapassar uma página se não consegui com relativa clareza, ganhar sua significação. [...] Ler é uma operação inteligente, difícil, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido [...] (FREIRE, 2013b)

A cabine de interpretação não é uma máquina de tortura da idade das trevas, como considerada por muitos graduandos. De posse das técnicas empregadas na interpretação, o bacharelando consegue desocultar detalhes e ganhar a compreensão do uso da cabine e de sua relação com o restante do ambiente. Isso implica que o aluno, “sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria” (FREIRE, 2013a). A criação e recriação dos contextos interpretativos são providos pelo professor, cuja experiência docente, se bem vivida, passa por formação permanente (FREIRE, 2013a), haja vista que contextos interpretativos não são estanques. Isso posto, estudar as técnicas que levam o aluno a dominar a interpretação, seja na cabine ou na comunidade, é um trabalho paciente, desafiador e que exige persistência. É necessário ter paciência e humildade para não “pular” processos e assumir suas próprias deficiências, para que não sejam transferidas para a cabine, considerando-a como impossível de ser usada (FREIRE, 2013a).

Tal qual as anteriores, essa fase de coleta de dados também se caracteriza como pesquisa ação e pesquisa de campo (SEVERINO, 2017, p.127 e p. 131) onde procurou-se desenhar um perfil das intenções profissionais dos alunos do curso de bacharel em Tradutor e Intérprete, obtendo-se os seguintes resultados:

Gráfico 16 – Alunos: pergunta 1

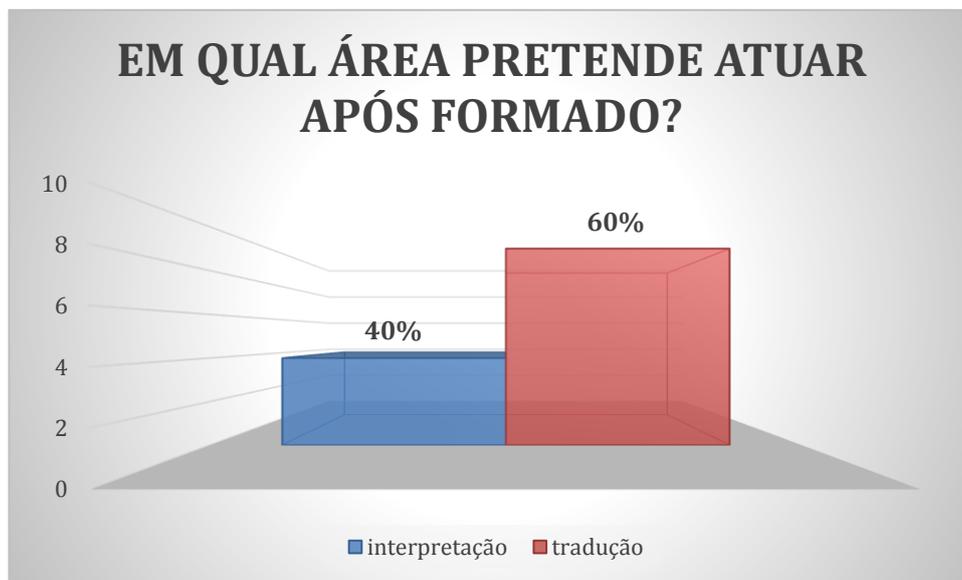


Gráfico 17 – Alunos: pergunta 2

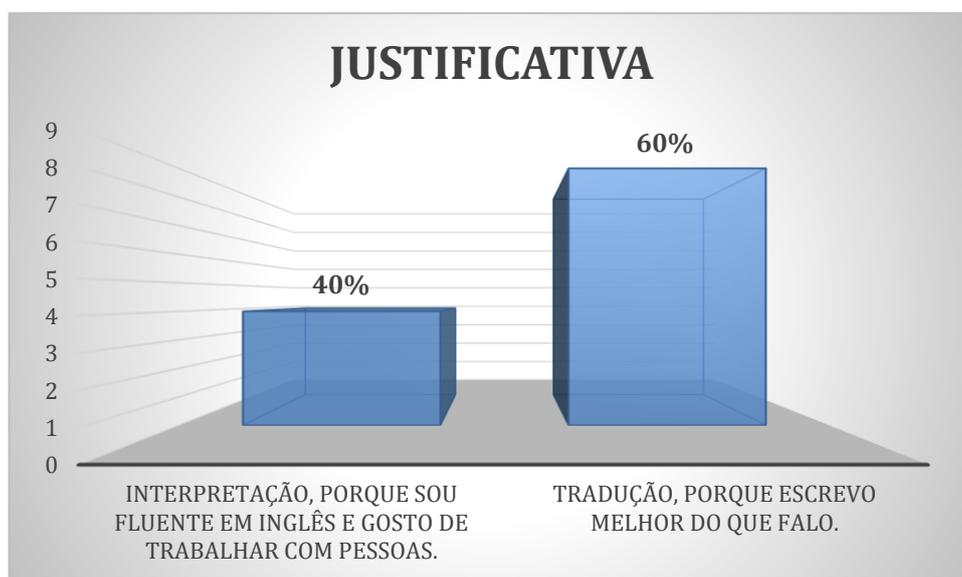
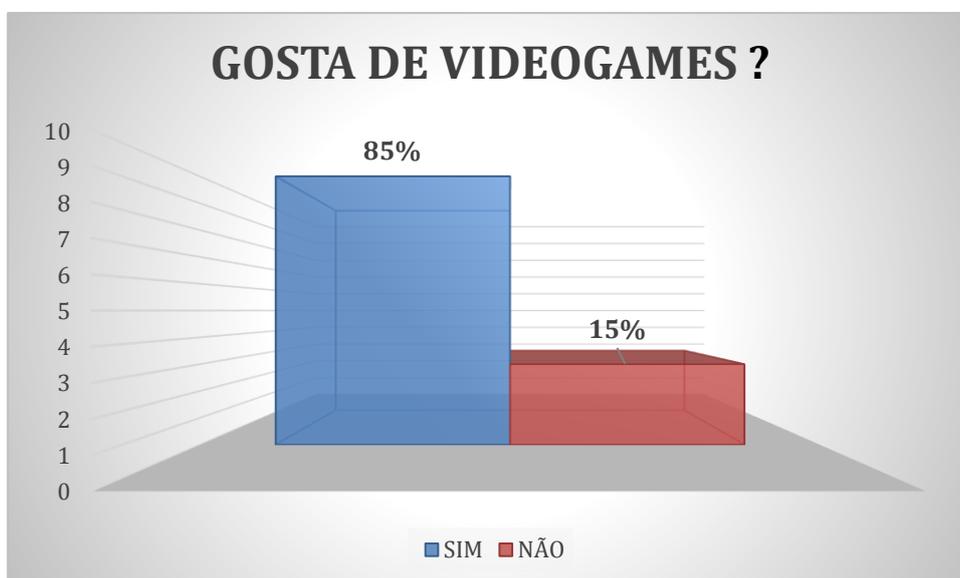


Gráfico 18 – Alunos: pergunta 3



Gráfico 19 – Alunos: pergunta 4



Os números coletados nas entrevistas demonstram que 40% declaram preferir a área de tradução e justificaram suas respostas diante do contexto de que “escrevo melhor do que falo”.

É possível inferir que as respostas às perguntas 1 e 2 têm sua origem anterior ao bacharelado, durante o tempo em que aqueles alunos buscavam aprender inglês em escolas franqueadas (cursos livres). Portanto, foram realizadas entrevistas não diretivas (SEVERINO, 2017. p. 133) com 10 professores dessas escolas, situadas nas zonas Oeste e Sul de São Paulo, onde observou-se que a preparação e o objetivo profissional dos professores influenciam diretamente na qualidade do ensino, conseqüentemente, na qualidade da produção oral e escrita dos alunos.

Os professores respondentes expuseram livremente seus incentivos para continuar ou desistir da docência, o perfil do professor de inglês nessas escolas, sua busca por qualificação (ou a falta dela), a articulação do currículo com a formação de bons falantes, a liberdade para acompanhar dúvidas pontuais dos alunos e como acontece a preparação das aulas.

Verificou-se que os professores das escolas de idiomas são, em sua maioria, profissionais ou graduandos de áreas não correlatas às Letras, que passam pela docência por tempo limitado e tomam-na como trampolim para ascenderem às áreas de real interesse. As aulas são preparadas com foco no vocabulário e pouco se considera a experiência de mundo ou contexto cultural nos quais professor e aluno estão inseridos.

O resultado da pergunta 3 demonstra que, se incentivados, 100% dos bacharelados concordam em considerar a possibilidade de experimentar a interpretação. Mas, como incentivar alunos adultos, que já frequentaram escolas franqueadas e trazem consigo seus entraves, a facear a interpretação, campo onde o domínio amplo de uma segunda língua é imprescindível? Uma proposta para essa última questão pode ser desenhada a partir da resposta à pergunta número 4, onde 85% dos respondentes afirmaram gostar de videogames.

Destarte, com o uso da ferramenta *GG Game Maker*, software aberto e disponível para download na rede, foi desenvolvido o *The Medical Interpreter*, jogo de videogame em 2D voltado para o ensino e a prática da interpretação em cenários médicos. Nesse jogo, o aluno no avatar de Josh, o intérprete especializado em contextos médicos, percorre os consultórios de um hospital onde sempre encontra um

médico e um paciente falantes de línguas distintas. Como os sujeitos da pesquisa foram alunos brasileiros de um curso de Tradutor e Intérprete de uma instituição de ensino superior da cidade de São Paulo, as línguas usadas foram somente inglês e português e todas as falas do jogo são apresentadas em texto. Josh, ao recebê-las, tem três opções de interpretação na língua de chegada. Apenas uma dessas interpretações está correta, enquanto as duas restantes, colocam o intérprete em situações constrangedoras e promovem ruído na comunicação entre médico e paciente. Os resultados dos testes realizados com os alunos e suas opiniões pós-jogo serão apresentados na conclusão deste trabalho.

Figura 6 – Tela inicial do jogo



Figura 7 – exemplo de interpretação

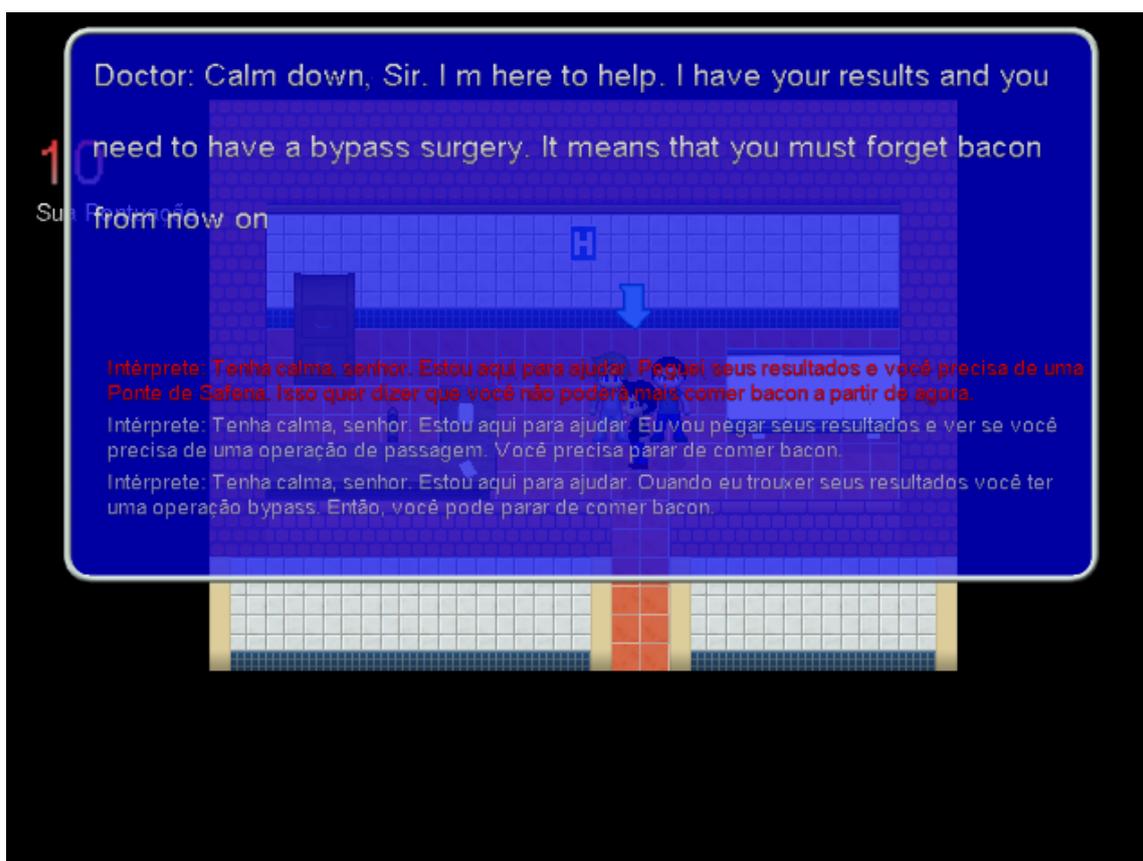
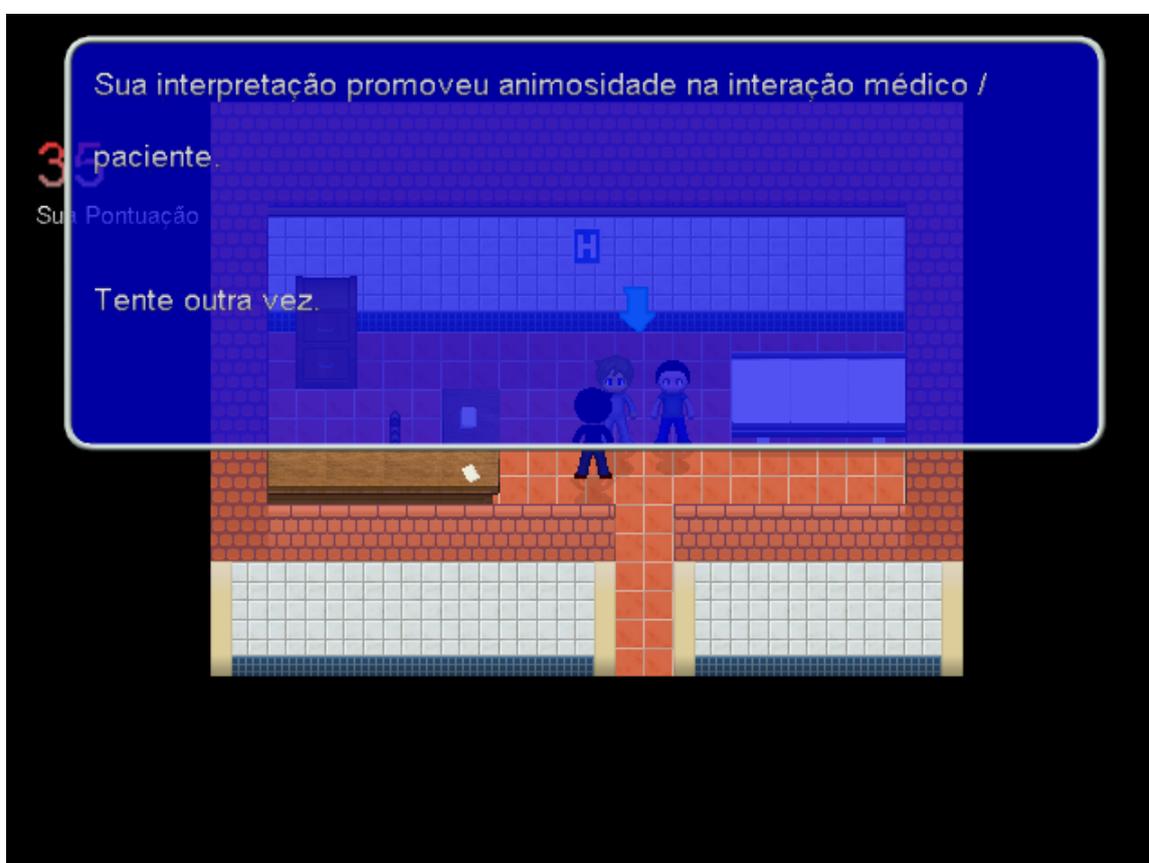


Figura 8 – resultado de uma interpretação incorreta



### **CAPÍTULO III - O jogo da imitação**

[...] os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica.

Johan Huizinga

Durante a década de 1970, um conhecido animador da TV brasileira conduzia, nas manhãs de domingo, seu programa de jogos e brincadeiras, onde duas escolas sempre se enfrentavam. Em determinado momento do programa, havia um jogo onde, dois alunos eram trancados em cabines à prova de som e fones de ouvidos lhes eram colocados para garantir que nenhum ruído externo fosse detectado. Para os enclausurados, restava somente dizer “sim” ou “não” ao microfone quando uma luz vermelha acendesse a sua frente. Do lado de fora, o apresentador oferecia prêmios aos dois participantes e perguntava se gostariam de trocar o que haviam conquistado por um ou por outro item. O resultado de suas escolhas, sim ou não, determinava o prêmio que receberiam no final.

Aplicamos, então, o conceito do jogo, anterior, à rotina de um cidadão comum, morador de uma megalópole como a cidade de São Paulo, que acorda todas as manhãs ao toque do alarme de seu celular. Levantar ou dormir mais cinco minutos? Sim ou não? Quinze minutos depois, levanta-se. Atrasado, lembra que na noite anterior pensou em separar a roupa para o outro dia. Sim ou não? Devido ao avançado da hora, lembra-se de seu desjejum, um copo de café com leite, apenas. Sim ou não? Decide não o fazer para não perder o horário de seu ônibus. Alguma semelhança com o jogo de escolhas e prêmios das saudosas manhãs de domingo dos idos de 1970?

Dois cães filhotes brincam, dois cervos golpeiam-se com suas galhadas para conquistar uma fêmea, um grupo de leões se prepara para atacar uma manada de zebras e levar alimento para a alcateia. O jogo da diversão, o jogo da sedução, o jogo da vida. O jogo, atividade que ultrapassa os limites da atividade física e biológica, excede a racionalidade e não é limitado à humanidade e nem ao mundo animal por ultrapassar a realidade da física (HUIZINGA, 2000). No jogar há sempre um conjunto de regras, um momento de tensão, de reflexão e replanejamento, ao se perder uma “batalha”, e um momento de prazer, ao vencê-la.

A linguagem, modo pelo qual o homem designa tudo em seu meio, é, da mesma forma, um jogo de palavras criado por meio poético pelo falante para expressar sua vida. Como escreveu Huizinga,

na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é um jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza (HUIZINGA, 2000. p.7)

Há tendência de associar a palavra jogo com algo “não sério”. Porém, quem joga não concorda com essa associação semântica. O jogador abraça o véu que o separa do imagético virtualmente construído (CABRAL, 2018 *apud* FUSARO, 2018, loc 440) e rompe a barreira entre o real e o imaginário.

O *gamer*, termo usado por vários autores para definir os jogadores, usuários das mais variadas plataformas, é transportado de seu ambiente para o ambiente do *game*. Nesse momento, o “eu real” transforma-se no “eu virtual” do jogo, onde o *gamer* passa a viver a vida do personagem, experimentar suas tensões, aflições, lutar por e com ele, vibrar com suas conquistas, lamentar suas perdas. Afinal, todas as conquistas e derrotas são agora partilhadas. Os jogos, cujas regras são descobertas de modo investigativo, têm a propriedade de manter os *gamers* focados, atentos e dedicados. Ao jogar, são desenvolvidas manifestações sociais entre o personagem, o *gamer* e o meio ambiente do jogo que é, por sua vez, sempre autônomo, desinteressado e desconectado da “vida comum”. Essa autonomia faz com que o jogo se torne uma extensão da vida do *gamer* e rompa como função cultural ao tornar-se memória (HUIZINGA, 2000).

Um indivíduo adulto pode considerar que, para si, o jogo é totalmente dispensável, porém a reportagem no site do jornal *The New York Times*, do dia 13 de novembro de 2017, informou que a primeira pílula digital foi aprovada pelo departamento americano de administração de alimentos. A pílula, ao entrar em contato com os ácidos estomacais, é acionada e envia um sinal *bluetooth* para um adesivo aplicado sobre a pele que, por sua vez, retransmite os dados coletados para um aplicativo de celular. O *app* ainda permite que o paciente anote detalhes sobre seu humor e períodos de descanso. A pílula digital é uma forma lúdica, e porque não considerar “jogável”, de controlar o volume e a frequência da ingestão medicamentosa. É o jogo realmente dispensável para o adulto?

O lúdico, expressado mais legitimamente pelo jogo, produz sensações instigantes e gera motivação e prazer ao estimular a produção de endorfina e

dopamina. Aliado a estes últimos, o jogo também auxilia na maturação cerebral, no controle do *stress* e na habilidade social. No livro *Cultura e Artes do Pós-Humano*, Lucia Santaella comenta que o nível de motivação intrínseca no ato de jogar é elevado, pois há aquisição e recompensas de novas aprendizagens. A autora também comenta que como a motivação funciona como alavanca para a aprendizagem e a cognição, o lúdico é o elemento que fornece potência, alicerçada no fato de que o jogo aproxima o sensível, o sensório e o racional, impulsos que, ao se unirem, tornam o homem plenamente humano (SANTAELLA, 2012b, p. 187).

Hoje, vivemos em uma sociedade hipercomplexa, mediatizada e midiaticizada, na qual o uso da tecnologia e, conseqüentemente, a leitura de diferentes signos é necessária. Os celulares, que nos acompanham por toda parte, se transformaram em pequenos computadores que, se conectados à internet, possibilitam, ao toque dos dedos, acesso à educação em qualquer lugar e a qualquer momento. Muitos professores, porém, ainda não conseguiram entender e viver as tecnologias disponíveis de forma plena e continuam a mirá-las com arrogância do ponto de vista aéreo de um escritório (SANTAELLA, 2010a). Ainda abordando o tema da resistência que profissionais da educação têm frente às novas tecnologias, Márcia Fusaro é incisiva ao declarar que

quando o assunto são novas tecnologias na educação, toda uma série de outros tantos discursos e posturas equivocados vem à tona. Opiniões ligeiras, sem fundamento em leitura e pesquisa, levando a afirmações e ações impensadas que, em vez de aproximar alunos e professores no ambiente escolar, têm, ao contrário, gerado novas crises educacionais. [...] Ainda que estejamos prestes a entrar no segundo decênio do século XXI, por incrível que pareça, as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) ainda parecem distantes, verdadeiros monstros intimidadores [...] (FUSARO, 2018, loc. 50).

Comparemos um carro da marca Ford, fabricado no ano de 1940, e um Ford fabricado em 2019, um telefone usado em 1960, comparado aos celulares de hoje, ou a atitude e o perfil de um aluno que ingressou na universidade em 1970, comparados ao aluno que ingressa hoje no ensino superior. Por fim, comparemos as salas de aula de escolas e universidades de 1940 e de 2019. Claramente, as salas de aula absorveram, e ainda estão absorvendo, alguns avanços tecnológicos, mas em uma

velocidade bem inferior em comparação à velocidade em que o perfil e a linguagem do aluno mudam.

Marc Prensky (2011) nomeia esse novo perfil de aluno de “Nativos Digitais” (*Digital Natives*), falantes nativos da linguagem digital dos computadores, videogames e da internet. O “restante de nós”, cuja idade hoje é superior a 30 anos, em 2019, somos denominados pelo mesmo autor como “Imigrantes Digitais” (*Digital Immigrants*) e, por mais adaptados que estejamos à midiatização que nos circunda, por mais fluente que sejamos na linguagem digital dos “nativos”, sempre carregaremos, como qualquer imigrante, nosso “sotaque”, fato que pode gerar dificuldades e ruídos na comunicação. O uso do jogo e da tecnologia surge como uma ponte para imigrantes – e nativos - aperfeiçoarem seus sotaques, logo, sua comunicação e seu entendimento.

Prensky (2011) ainda declarou que a combinação de jogos com as tecnologias de comunicação usadas pelos nativos digitais, como mensagens instantâneas e aparelhos celulares, demonstram um vislumbre de como será o aprendizado e o trabalho nas próximas décadas. Hoje, em 2019, consideravelmente pouco tempo após a publicação de Mark Prensky, a tecnologia, que foi considerada por ele como vislumbre futurístico, deixa o “mundo das ideias” e passa a ocupar cada vez mais espaço entre nativos e imigrantes digitais.

### 3.1 Os jogos e o aprendizado: *Final Fantasy* ou *Mortal Kombat*?

Cada jogo reforça, exacerba algum poder físico ou intelectual. Pelo viés do prazer e da obstinação torna fácil o que antes foi difícil ou extenuante.

Roger Caillois

De acordo com Prensky (2011), o jogo possui cinco níveis de auxílio ao aprendizado, sendo o primeiro nível o “COMO”. Como fazer ou desenvolver algo. Conforme o *gamer* joga, descobre gradualmente os movimentos, regras e a atuação dos personagens. Há jogos bem conhecidos onde o *gamer* começa o jogo com recursos limitados e precisa progredir para desenvolver sua civilização, construir um parque temático etc. Para o intérprete, a fase do “como” pode auxiliá-lo a desenvolver meios para conhecer o repertório cultural do ambiente no qual está inserido. O segundo nível é “O QUE”. Douto das regras do jogo, conhecidas no nível anterior, o *gamer* aprende o que fazer e como agir em determinada situação. Quais regras são aplicáveis para o momento e quais podem ser quebradas ou mudadas. Sob esse viés, é possível lembrar momentos históricos nos quais “gurus” das finanças e da administração exortaram empresários a “mudar as regras do jogo”, ao perceberem determinados movimentos nos mercados. O intérprete que conhece o meio cultural no qual está inserido sabe quais “regras” são similares ou diferentes das suas e, portanto, como se portar.

[...] As regras dos jogos de videogame e dos jogos para PC forçam o jogador, não importando qual a sua idade, a refletir – pelo menos de forma subconsciente – e comparar o jogo com aquilo que ele já conhece sobre a vida. Isso é importante, é aprendizado para a vida real. (PRENSKY, 2011, loc. 1216). “tradução nossa”<sup>9</sup>

O terceiro nível é o “POR QUE” ou nível da estratégia. Em alguns momentos, o *gamer* precisa agir sozinho, em outros, de modo cooperativo; em alguns, ataca seu inimigo abertamente, em outros usa a furtividade. Em um hospital ou comunidade cuja tradição seja islâmica, por exemplo, o intérprete pode usar a “furtividade” e observar seu colega durante a interpretação com o objetivo de aprender detalhes daquela

---

<sup>9</sup> [...] the rules of video and computer games force a player, no matter what his or her age, to reflect – at least subconsciously – and compare the game to what the already know about life. This is important, “real life” learning.

cultura. Usa, portanto, em seu trabalho, as mesmas estratégias do jogo. Em várias autoescolas da cidade de São Paulo, é possível encontrar simuladores de direção onde aspirantes a motoristas dirigem seus carros virtuais. As estratégias aprendidas ali serão levadas para as ruas – e para a vida – durante as aulas de volante com veículos reais. A mesma estratégia é usada pelas forças armadas dos Estados Unidos que usam jogos de videogames, que podem ser encontrados nas prateleiras das lojas de departamentos, para treinar seus combatentes antes de permitir o uso de simuladores de alto custo.

O quarto nível é o “ONDE” ou nível do contexto, quando o *gamer* será envolvido por muitas informações culturais e ambientais, onde será aprendido que determinado comportamento ou atitude é perfeitamente comum em uma situação enquanto totalmente inaceitável em outra. Ele aprende que, mesmo que seja difícil sobrepujar determinado “inimigo”, a perseverança o levará à vitória. Ainda usando o exemplo do nível anterior, se o intérprete tem dificuldade em adaptar-se a determinada particularidade cultural, o tempo e a perseverança podem levá-lo a vê-la sob um ponto de vista diferente do seu. Quando a cultura é entendida, é aceita com mais facilidade.

O quinto nível é o “SE” onde o jogador aprende a tomar decisões baseadas em valores morais de correto ou incorreto. Esse nível é alcançado pela amplificação e redução mental dos signos lidos, recompensas e punições, consequências de ações anteriores no ambiente do jogo. O intérprete que já tomou conhecimento de seu ambiente de trabalho, sabe quais atitudes são aceitáveis e quando, de acordo com a cultura do paciente, advogar ou não a seu favor.

Em 2004, a *Harvard Business School*, baseada em milhares de entrevistas, publicou o livro *Got Game* que abordava a plasticidade com a qual a geração *gamer* começava a remodelar os negócios de forma permanente ao afirmar que os empresários *gamers* alcançavam melhores performances nos negócios. Algumas características dos *gamers businessmen* (empresários *gamers*) elencadas pelos autores de *Got Game*, foram:

- Resolução de problemas de forma colaborativa;
- Comprometimento com a busca de excelência profissional;
- Atenção à aquisição de competências e à geração de valor;
- Forte senso de competência;

- Alto desenvolvimento do trabalho em equipe e do desejo de participar da equipe;
- Atenção à organização;
- Apreço por dados;
- Comodidade em assumir riscos mensuráveis;
- Profissional multifuncional;
- Que possui pensamento global;
- Que não espera estruturas organizacionais engessadas;
- Que cumpre aquilo que promete (PRENSKY, 2011)

Os indivíduos citados no livro costumavam passar horas mergulhados em seus jogos, analisando dados, comparando resultados, analisando cenários e interagindo com outros *gamers*, ações esperadas não apenas por profissionais dos negócios ou das finanças, mas também por intérpretes profissionais e por aqueles em busca de qualificação. Afinal, como já exposto no início desta pesquisa, a habilidade interpretativa não é um dom divino ou dádiva dos agraciados com uma convivência bilíngue pois, mesmo para aqueles alunos que experimentam sua primeira experiência interpretativa na “temida” e “evitada” cabine de interpretação o ato de interpretar é treinável e, portanto, alcançável.

## CAPÍTULO IV – Uma nova esperança

Se o aprendizado é ativo, ele deve envolver  
experimentalmente o mundo de novas formas.

James Paul Gee

### 4.1 Sob o domínio do medo

O leitor, ou leitora, ao alcançar esta parte deste estudo pode perguntar-se qual a relação entre o aluno intérprete e o medo apresentado no subtítulo. Cabe, portanto, tomar emprestadas as palavras de Paulo Freire, no livro *Professora, sim; Tia, não*, que definem não apenas o medo, mas algo que o precede: o difícil. Freire escreve que algo é difícil quando lidar com este algo é penoso, quando apresenta obstáculo em algum nível, enquanto o medo é um “sentimento de inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário” (FREIRE, 2013. p. 73).

Este estudo partiu da hipótese de que os alunos do curso de bacharel em Tradutor e Intérprete preferem o campo da tradução por considerarem difícil o uso da cabine de interpretação da universidade e, imediatamente após, o medo do escrutínio público e da exposição imediata que a interpretação, em todas as suas subdivisões, pode oferecer mesmo que tal escrutínio seja durante um exercício prático mediado pelo professor. A interpretação em cenários médicos, além de absorver as características dos modelos de interpretação que a precedem, é multimodal, haja vista que paciente e profissional de saúde comunicam-se usando recursos – signos – verbais e não verbais que precisam ser lidos pelo intérprete. Somando-se esta última característica às dificuldades dantes apontadas pelos alunos, esse modo de interpretação é posicionado, portanto, como última opção, dada a preparação que demanda ou aos medos gerados por ela. Não se objetivou, porém, inferir juízo às justificativas dos graduandos. Tais elementos foram considerados somente como base para uma proposta dialógica voltada ao ensino da disciplina de interpretação com o auxílio da tecnologia apoiada no lúdico para o desenvolvimento de uma prática em ambiente controlado que possa diminuir o nível de ansiedade dos alunos intérpretes e, quiçá, fazê-los mudarem de opinião quanto à possibilidade da interpretação profissional. Afinal, “às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor”. (FREIRE, 2016)

A faculdade de análise – interpretação dos signos linguísticos e não linguísticos – que o ser humano possui, diferencia-o dos outros animais e lhe confere a capacidade de, quase sempre, pensar na ação antes de agir. Assim, projeta mentalmente as imagens do “percorrer da ação” e infere seu resultado, positivo ou negativo. A memória, grande aliada nesse processo especulativo, guarda em seu acervo experiências observadas, vividas ou não, que podem servir como base para a tomada de decisões durante a projeção mental. O ser humano é, portanto, capaz de simular, ou viver mentalmente, a ação e a experiência do outro, mesmo que esse outro não seja criatura animada, pois, ao calcular a força, ângulo de inclinação e outras variáveis com as quais um objeto precisa ser lançado para atingir seu alvo, vive mentalmente a trajetória daquele objeto. Em vista disso, quem calcula o lançamento do objeto é, ou vive, o próprio objeto mentalmente projetado. A simulação criada é semelhante ao mundo virtual encontrado nos videogames, pois ao ponderar ações, motivos e sentimentos, é possível entrar na mente do outro sem sair de nossa própria (GEE, 2013. loc. 311). É possível, então, comparar e analisar as ações e pensamentos do *gamer* durante o jogo “*Assassin’s Creed II*”, criado pela empresa Ubisoft, que conta a história de Ezio Auditore da Firenze durante o período da Renascença italiana. Ao jogar, *gamer* e personagem tornam-se heteróclitos; um composto de margens não definidas que analisa estratégias, traça planos, evade-se quando “a morte é iminente”, verifica o nível de habilidade de seus “inimigos”, prepara-se aprendendo e elevando seu próprio nível e volta para subjugar aqueles inimigos anteriormente mais fortes.

Esse conjunto de ações pode ser comparado à preparação realizada pelo candidato quando objetiva participar de exame de proficiência em determinada língua estrangeira, pois, ao tomar conhecimento do conteúdo da prova, inicia seu plano de estudos, escolhe o teste adequado ao seu nível de proficiência, estuda durante determinado período e se submete ao teste. Isso posto, é possível, com o uso dos instrumentos corretos, desenvolver uma preparação “jogável” para as mais diversas áreas e usar o jogo, como os da franquia *Assassin’s Creed*, como instrumento de preparação na resolução de problemas ao conjecturar e elaborar estratégias para tomadas de decisões (PRENSKY, 2013. loc. 174).

O ato de jogar é rico em significados, porém se tomado apenas como entretenimento, os objetivos educacionais serão alcançados mais lentamente ou, pior ainda, sequer percebidos pelos educandos. Portanto, cabe aos professores a tarefa

de orientar seus alunos no uso adequado do videogame como instrumento de apoio ao aprendizado. Esse uso e orientação, porém, demanda preparação por parte do professor. Nesse contexto, PRENSKY (2013) declara que se

[...] os professores utilizarem bons videogames e bons princípios de ensino “jogáveis”, com ou sem os jogos, em suas aulas, eles estarão prontos para remodelar nosso sistema educacional para o mundo moderno e para [os alunos] modernos ao invés de, simplesmente, replicar um modelo escolar que mais se adequa ao mundo industrial dos anos 1950, um mundo há muito, ultrapassado (PRENSKY, 2013. loc. 194.)<sup>10</sup> (Tradução nossa)

Frente ao exposto até agora, é possível apresentar ao leitor um panorama favorável ao uso do videogame como instrumento de ensino e prática da interpretação em cenários médicos, desde que o professor, imigrante digital, tenha a disponibilidade em aprender a ensinar usando uma via diferente do modelo escolar que conhecemos. Via esta que demanda conhecimento do instrumento e preparação pessoal. Para tanto, o profissional de ensino precisa abrir-se para as possibilidades que a tecnologia lhe apresenta. Dessa forma, a possível “cura” para o medo da cabine de interpretação e da interpretação em contextos médicos, descrita no tópico anterior, pode ser alcançada através de atividades jogáveis em sala de aula, o que pode preservar o aluno intérprete da exposição pública, mesmo que esse público seja os seus colegas de turma. A autoavaliação proporcionada pelos sucessos e insucessos durante a atividade jogável age como preparação para o próximo nível, o chefe da fase que, nesse caso, está representado pela cabine de interpretação.

---

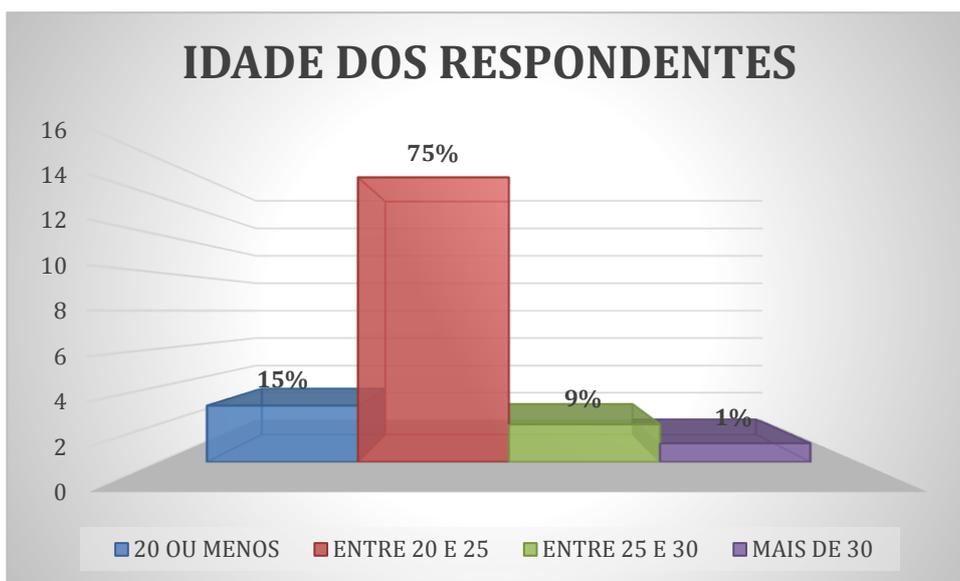
<sup>10</sup> [...] teachers place good video games, and good game-like learning principles, with or without games, into their classrooms, they'll be able to redesign our educational system for the moderns world and modern kids, instead of simply replicating a model of schooling that's better suited for the industrial world of the 1950's, a world a long gone.”

## 4.2 De volta ao jogo

Seguindo o mesmo padrão das coletas de dados anteriores, esta última e conclusiva fase também se caracterizou como “pesquisa-ação”, pois visou intervir na situação com o objetivo de modificá-la (SEVERINO, 2017, p.127); e de “pesquisa de campo”, haja vista que o objeto foi abordado em seu meio ambiente (SEVERINO, 2017, p.131), uma instituição de ensino superior na cidade de São Paulo.

Os mesmos alunos participantes da coleta de dados anterior, concordaram em experimentar o jogo que, como já visto no subitem 2.8, foi batizado de *The Medical Interpreter*. Após a experimentação, além das idades dos respondentes, foram propostas três perguntas de fechamento e análise do uso do jogo como instrumento de ensino e prática da interpretação em cenários médicos.

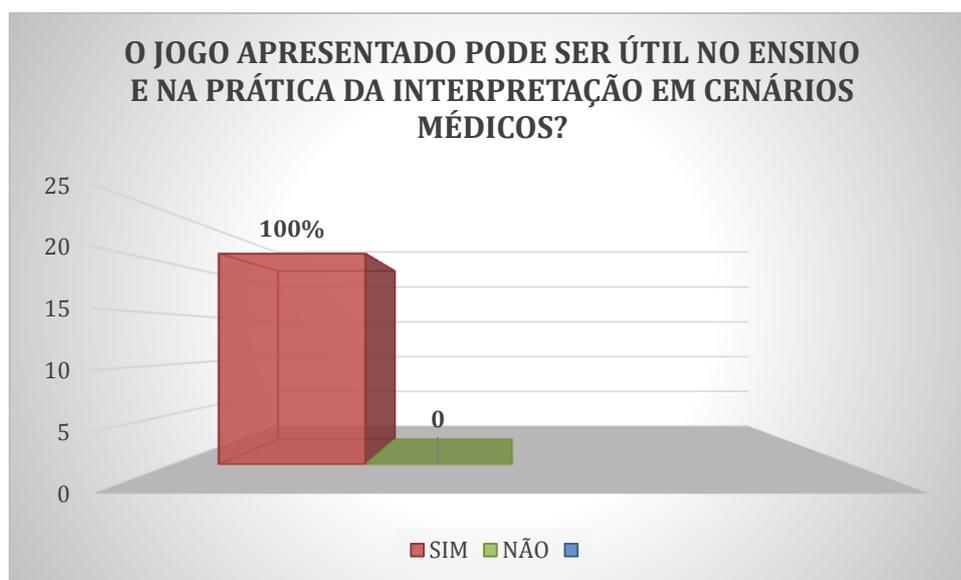
Gráfico 20 – Pós-jogo: pergunta 1



Os nativos digitais respondentes, indivíduos com idades entre 18 e 21 anos, são aqueles que estão ocupados construindo e organizando o ciberespaço, criando uma vida digital, inventando novas maneiras de fazer acontecer utilizando as novas tecnologias disponíveis, enquanto seus pais e educadores ficam para trás, sentados, discutindo estratégias de ensino baseadas em suas experiências de imigrantes digitais (PRENSKY, 2013. loc.778 / 786). Portanto, não é de se admirar que alunos bons ou ruins, ricos ou pobres, não gostem muito da escola (GEE, 2003. loc. 156) e, especificamente para este estudo, não gostem da interpretação ou de como ela é apresentada e ensinada. Ainda hoje paira sobre as possibilidades de uso pedagógico

dos videogames a visão eclipsada pelo despreparo e pelo preconceito de imigrantes digitais que se recusam à sua experimentação por considerarem, de forma generalista, os jogos eletrônicos como nocivos ao aprendizado. Essa resistência justifica-se, em parte, pelo bombardeio de críticas ao qual foram expostos os imigrantes digitais entre as décadas de 1980 e 1990. Curiosamente, aqueles críticos ferrenhos não eram jogadores, *gamers*, e rotulavam os jogos das plataformas Atari, Odissey, Sega Saturn, Nintendo e Play Station como violentos, alienantes e formadores de delinquentes. Será, portanto, sob o viés daqueles críticos, possível afirmar que o clássico da literatura *Moby Dick*, de Herman Melville (1819-1891), seja formador de antropófagos? Da mesma forma, podem ser, então, os contos de Edgar Allan Poe formadores de psicopatas? (RODRIGUES D. S., 2019 *apud* FUSARO, 2019, loc 471). A grande maioria dos jogos encontrados no mercado atual podem ser usados como apoio às diversas disciplinas, se conhecidos, bem preparados e, obviamente, jogados, pelo profissional de ensino que intenciona seu uso. Isso posto, da mesma forma que professores de disciplinas relacionadas à literatura e à psicologia podem usar obras de Edgar Allan Poe, professores das disciplinas relacionadas à engenharia e ao design podem usar jogos da franquia *Forza*, da *Turn 10 Studios*, enquanto professores de artes e línguas podem usar a franquia *Assassin's Creed*, da Ubisoft durante suas aulas. Este é apenas um pequeno exemplo e um pensamento inicial sobre as possibilidades do uso educacional dos jogos de videogames.

Gráfico 21 – Pós-jogo: pergunta 2

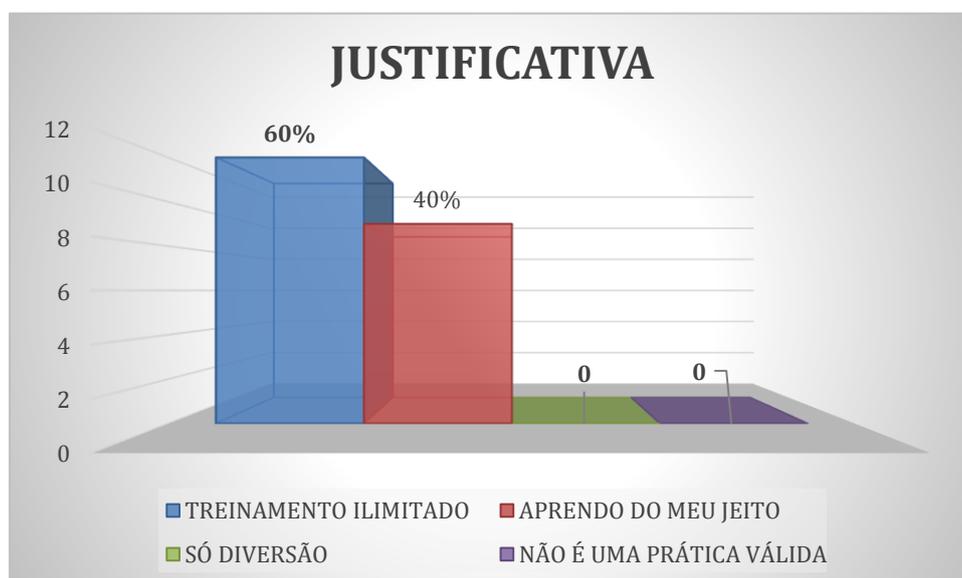


Como já exposto, o jogo tem a propriedade de reunir o sensório, o sensível e o racional em um só evento (SANTAELLA, 2012. p. 187), que aliados ao lúdico geram a força motora necessária para a realização de uma tarefa ou o alcance de um objetivo. A pergunta 2 demonstrou que, após experimentação, 100% dos respondentes concordaram que o jogo pode ser usado como instrumento no ensino e na prática da interpretação. Nos jogos encontrados no mercado, o aluno, *gamer*, vivencia uma experiência de aprendizagem não passiva ao usar as regras que, em sua grande maioria, são por ele descobertas durante o ato de jogar, para conhecer personagens adversários, estudar suas características e arquitetar as ações necessárias para vencê-los. Juntamente com esse conjunto de informações, há o contexto semiótico no qual o jogo se encontra e que traz consigo seus jargões, dizeres ou termos técnicos, como no caso da interpretação comunitária e em contextos médicos.

Se os alunos concordam que o jogo é um instrumento útil no ensino e na prática da interpretação, o professor imigrante digital, por sua vez, precisa estar apto e pronto para utilizar tal instrumento em sala de aula, pois, tomando de empréstimo as palavras de Lúcia Santaella, “quanto mais informação e conhecimento se tornam disponíveis, aumentam e variam os passos e oportunidades para a criação de conhecimento” (SANTAELLA, 2010a. loc. 127). O professor tem, portanto, a oportunidade de transformar a sala de aula em um espaço multidimensional que, ao tornar-se

multifacetado, pode incrementar e reforçar a disseminação do conhecimento. (SANTAELLA, 2010a. Loc. 136)

Gráfico 22 – Pós-jogo: pergunta 3



Na pergunta 3, foi solicitado para os respondentes que escolhessem a melhor justificativa para a resposta dada na pergunta 2. Novamente, pode-se observar que o *game* é um dos meios pelos quais os nativos digitais entendem e leem o mundo. A ubiquidade, definida por SANTAELLA (2010a. Loc. 149) como a habilidade de se comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar via aparelhos eletrônicos espalhados pelo ambiente, é uma das faces da rebeldia descrita por Paulo Freire. A rebeldia de acessar a informação a qualquer momento, ilimitadamente e de modo que se enquadre às características particulares do aluno. Professores da disciplina de interpretação comunitária podem alcançar melhores resultados ao entender como “entregar seu produto” de forma a estar enquadrado às características digitais da vida de seus alunos. (PRENSKY, 2013. loc. 2342). Afinal, o professor que ironiza e minimiza o aluno, que pede para que “ele se ponha no seu lugar”, que não respeita a curiosidade, gosto estético, sua inquietude, linguagem, sintaxe e prosódia, transgredir os princípios éticos de seu porquê profissional (FREIRE, 2016. p. 58 e 59).

Na coleta de dados feita com os alunos antes da experimentação do jogo, 60% dos respondentes declaram preferir o campo da tradução e justificaram suas respostas ao afirmar que “escrevem melhor do que falam”. Se a esta justificativa pode

ser atrelada a falta de treinamento e repertório linguístico, como já visto neste estudo, é possível inferir que os resultados da pergunta 4, apresentados no gráfico 22, apresentam solução exequível para o problema, haja vista conferirem a possibilidade de treinamento ilimitado e cujos arquétipos podem ser enquadrados a estilos pessoais de aprendizado. Os resultados e questionamentos advindos da última pergunta pós-jogo foi, deliberadamente, reservada para a conclusão desta pesquisa.

## **Endgame – A conclusão**

Embora os jogos sejam comumente considerados apenas no seu aspecto de diversão e entretenimento, cada vez mais os especialistas estão enfatizando que um dos fatores mais fundamentais dos jogos se encontra no aspecto lúdico como aliado no incremento ao desenvolvimento cognitivo.

Lucia Santaella

No início, esta pesquisa apresentou ao leitor a diferença entre tradução e interpretação, que, mesmo sendo consideradas semelhantes e comumente confundidas, são áreas distintas, haja vista que a tradução recebe, trabalha e devolve o texto escrito, enquanto a interpretação, recebe, trabalha e devolve o texto falado. Em seguida, foram apresentadas as modalidades de interpretação usadas até o fim da Segunda Grande Guerra, em 1945, quando surgiu, em Nuremberg, Alemanha, a necessidade de outro tipo de interpretação que atendesse às necessidades imediatas dos participantes do julgamento dos crimes de guerra de oficiais nazistas. Essa interpretação, nascida nas cabines do Tribunal de Justiça de Nuremberg, é conhecida como Interpretação Simultânea, Interpretação de Conferência ou Interpretação de Cabine, modalidade na qual o intérprete recebe o texto em uma língua A e verte “simultaneamente”, auxiliado por dispositivos eletrônicos (microfones, transmissores e receptores), para uma língua B, ouvida pela plateia. Um dos desdobramentos dessa modalidade é a Interpretação Comunitária, vertente que engloba a Interpretação Forense, ou Interpretação de Tribunal, e a Interpretação em Cenários Médicos (*Medical Interpreting*), objeto deste estudo.

A escolha desse objeto justifica-se devido à falta de intérpretes profissionais testemunhada durante a coleta de dados nas três instituições hospitalares acreditadas pela *Joint Commission International* e localizadas na cidade de São Paulo, que recebem com frequência pacientes turistas, título dado aos pacientes estrangeiros que vêm para a capital paulista em busca de tratamentos médicos de qualidade e com preços mais atrativos do que aqueles encontrados em seus países. Tais pacientes turistas têm, entre consultas e exames, uma estadia média de 22 dias e trazem consigo um ou dois acompanhantes em média. Dentre os acompanhantes aos quais se teve acesso ao longo da pesquisa, somente quatro, provindos da Espanha, declararam não falar inglês.

Foi observado que somente um pequeno número de profissionais que prestam orientação, serviços médicos e de enfermagem para aqueles pacientes turistas têm seu nível de proficiência em inglês adequado para manter uma conversação, usando o vocabulário específico da área médica, sem ruídos ou auxílio de aplicativos de tradução automática. Em contrapartida, a maioria dos profissionais de saúde entrevistados afirma ter nível de proficiência adequado para o atendimento, apoiando-se no fato de frequentar cursos livres de inglês ou usar aplicativos de dispositivos móveis em seu auxílio. Isso posto, buscando fundamentar o observado sobre a proficiência dos profissionais de saúde, as escolas por eles frequentadas foram visitadas e seus professores, entrevistados.

De acordo com os relatos dos professores, cujas transcrições encontram-se nos apêndices, é possível questionar a qualidade do produto oferecido por aqueles cursos de idiomas, conseqüentemente, a qualidade da produção oral de seus clientes, refutando, assim, as afirmações dos profissionais de saúde sobre seus níveis de proficiência. Este dado, porém, é apresentado somente como base para se discutir a qualidade linguística no momento do atendimento ao paciente turista e seus acompanhantes. Não é, portanto, o foco deste estudo discutir a qualidade do ensino de inglês oferecido aos alunos em escolas franqueadas. Do outro lado dessa moeda estão os alunos do curso de bacharelado em Tradutor e Intérprete, que também são, ou foram, alunos das mesmas escolas franqueadas e que têm “medo” da interpretação simultânea por considerá-la difícil devido à habilidade e o repertório técnico por ela demandados. A falta de tempo de “prática de cabine”, exercício desenvolvido nas aulas da disciplina de interpretação, e a falta de fluência em inglês são as justificativas apontadas pelos alunos. Contudo, debruçado sobre a base bibliográfica na qual este estudo se fundamenta e com o auxílio oferecido pela tecnologia, é possível afirmar que a interpretação simultânea é habilidade treinável e alcançável, não sendo, portanto, atividade reservada àqueles que tiveram oportunidade de conviver, desde tenra infância, em ambientes bilíngues.

A interpretação especializada em cenários médicos ainda não é considerada como essencial durante a prestação de serviços de assistência à saúde, já que os profissionais da área se valem somente de intérpretes *ad hoc* e da tradução on-line oferecida por aplicativos de dispositivos móveis. Os intérpretes *ad hoc* são

acompanhantes ou qualquer funcionário do hospital que declare ter algum nível de fluência em inglês. O problema criado nesse contexto é que tanto acompanhantes quanto profissionais de saúde não possuem competência linguística específica, constituída por vocabulário e expressões da área médica em ambas as línguas e técnicas de interpretação aprendidas na academia, requisitos mínimos para que se possa atuar como intérprete e evitar ruídos na comunicação, evitando assim, riscos à aderência ao tratamento e à relação profissional de saúde / paciente.

O uso do tradutor on-line na interpretação foi demonstrado com sucesso no estudo de caso realizado no Hospital Magalhães Lemos, em Portugal. Porém a interação entre equipe médica e paciente daquele caso foi somente de cunho comunicacional e pessoal, haja vista a condição psiquiátrica do atendido. O tradutor on-line não foi utilizado para “interpretar” ou “traduzir” informações médicas relativas ao estado físico ou sobre o tratamento ao qual o assistido se submetia. Como a tradução feita por aplicativos de dispositivos eletrônicos teve seu uso apontado como comum entre os profissionais de saúde paulistanos, foram propostas duas sentenças, cada uma comum à sua própria cultura, brasileira e americana, respectivamente, e o aplicativo de tradução automática foi utilizado para que seu resultado pudesse ser analisado. Foi possível observar que o tradutor on-line não conseguiu “interpretar” o contexto da mensagem e ofereceu uma “tradução” completamente diferente da intencionada pelos falantes de cada uma das línguas. Isto posto, e concordando com a conclusão de F.O. Leite et al: Using Google Translate© in the Hospital: A case report. IOS Press. Porto, Portugal. 2016, o uso do tradutor on-line não substitui a interpretação humana. Frente a esse conjunto de fatos, como ajudar os alunos do curso de bacharelado em Tradutor e Intérprete que afirmam ter “medo” do campo da interpretação, como discutido no subitem 2.8 “A cabine do medo”?

Para responder a esta pergunta, este estudo, aqui já em sua fase de conclusão, procurou novamente todos os alunos respondentes e solicitou que nomeassem os medos que os impedem de escolher a interpretação. Os resultados foram unânimes, pois todos os 20 respondentes apontaram a falta de “prática de cabine”, atividade na qual os alunos usam a cabine de interpretação dos laboratórios da faculdade para treinar a interpretação com o auxílio do professor e a falta de proficiência em inglês, resultado do ensino deficitário oferecido pelas escolas de idiomas. O terceiro medo,

resultante dos anteriores, é o escrutínio público e imediato que a interpretação oferece. Estes últimos dados vão ao encontro daqueles verificados nas respostas da pergunta 2 do questionário pré-jogo, subitem 2.8, onde 60% dos respondentes afirmaram que seu inglês escrito é melhor do que o falado.

Com base na resposta da terceira pergunta do questionário pré-jogo, subtítulo 2.8, onde 85% dos respondentes afirmaram gostar de videogames, foi desenvolvido um jogo para os alunos do curso de Tradutor e Intérprete com o objetivo de auxiliá-los na prática da interpretação em contextos médicos onde malhas de comunicação, diálogo, disputas e conflitos (SANTAELLA, 2010a. Loc 121) semelhantes aos experimentados durante o ato interpretativo real, podem ser experimentadas de modo particular sem expor os erros e acertos do praticante. Esse jogo, ainda em desenvolvimento, e cuja versão beta está disponível em cartão de memória, anexo a este trabalho, procura aliar a internet à mobilidade e promover o aumento da quantidade de informação – e prática – para o futuro intérprete, fazendo com que seu conhecimento não apenas aumente, mas também se diversifique (SANTAELLA, 2010a. loc 131).

A ideia do desenvolvimento do jogo tomou como base o movimento que a “cultura gamer” tem desempenhado na sociedade e seu inegável impacto no conceito de entretenimento, educação e treinamento, pois, além de ser visto como manifestação de arte e cultura pop, também é considerado como um novo instrumento de aprendizagem. Além disso, a cultura gamer também é um fenômeno estético, cultural e de linguagem que foi capaz de desenvolver toda uma retórica própria, mesmo que em seu muito recente período de existência (SANTAELLA, 2010a. loc 3258), se considerarmos que o primeiro game de que se tem registro, o *Tennis for Two*, foi inventado por William Higinbotham e apresentado no evento do “Dia do visitante” do Departamento de Energia dos Estados Unidos, em 1958 (FUSARO, 2018. p. 38).

Outro dado observado foi a curiosidade e o estímulo que o jogo desenvolvido para esta pesquisa causou entre os alunos, pois ocorreu uma pequena mudança no número de alunos entre as respostas dos questionários pré e pós-jogo. Um aluno, imigrante digital, cuja idade pode ser verificada em pós-jogo, pergunta 1, recusou-se

a participar da primeira fase desta pesquisa. Porém, resolveu experimentar o jogo e participar da fase final da pesquisa ao receber o feedback dos colegas.

As respostas à pergunta pós-jogo 1, idade dos respondentes, demonstra que a maioria dos alunos são nativos digitais, pois têm entre 20 e 25 anos. Esta constatação se volta à relação do professor, possivelmente imigrante digital, com seus alunos nativos digitais e o uso de tecnologias em sala de aula. É necessário que o professor faça uma reflexão crítica sobre a relação teoria/prática, pois sem essa reflexão, a prática acaba virando ativismo, enquanto a teoria, blá-blá-blá (FREIRE, 2016. p. 24). O professor, cômico de que, para os nativos digitais, ensinar não é transferir conhecimento, entende que

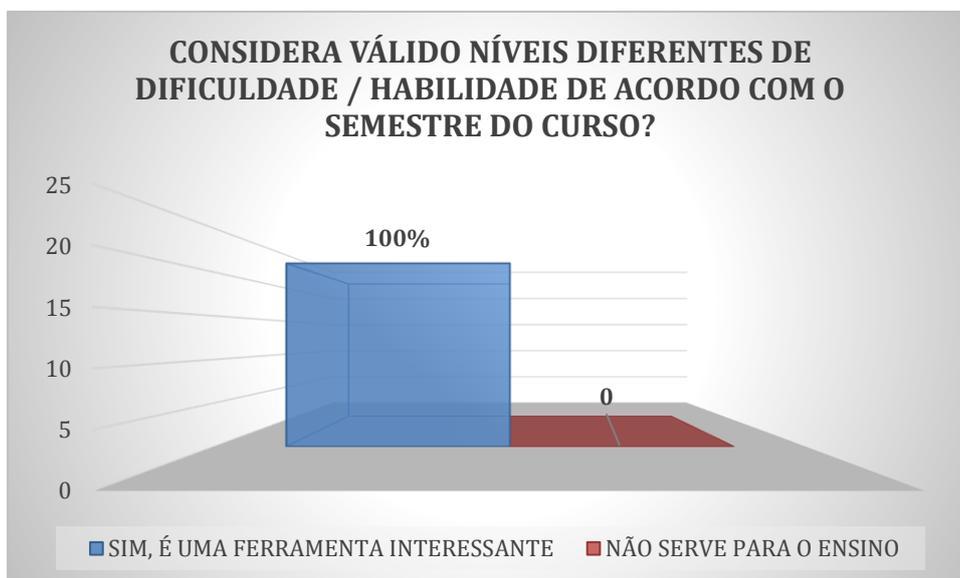
[...] embora diferentes entre si, quem forma se reforma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado [...]. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender [...]. (FREIRE, 2016.p. 24)

Assim, o professor da disciplina de interpretação, eterno curioso, inquieto e crítico de sua práxis, entende que o game deixa de ser um simples entretenimento e passa a vê-lo como uma rede complexa que engloba potencialidades de realização, pesquisa e aprendizagem (SANTAELLA, 2010a. loc 3267), auxiliando o ensino e a prática da interpretação. A falta de tempo para praticar na universidade pode ser suprida se o game for introduzido nas redes sociais e nos smartphones, por exemplo, haja vista que hoje é comum vermos usuários imigrantes digitais, como pais e avós que jamais pensaram em jogar e têm suas dificuldades no uso da tecnologia, serem ávidos usuários de aplicativos de jogos para smartphones (SANTAELLA, 2010a. loc 3379).

As respostas às perguntas pós-jogo 2 e 3 demonstraram a aceitação do jogo pelos alunos, pois eles se sentiram estimulados a aprender. Foi-lhes, portanto, despertada a curiosidade que poderá torná-los criadores, pois, quanto mais criticamente se exerce a capacidade de aprender, mais se constrói o que foi chamado por Freire de “curiosidade epistemológica” com a qual se alcança o conhecimento cabal do objeto (FREIRE, 2016. p. 26 e 27).

Reservada para esta conclusão, a pergunta pós-jogo 4, cujo gráfico, disposto abaixo, apresenta as considerações finais dos respondentes sobre o uso do *game* em diferentes semestres do curso, já que, em teoria, as habilidades interpretativas são desenvolvidas conforme avançam os semestres. Isto posto, e sob um olhar freiriano, faz-se necessária a atualização do professor e a revisão da preparação de suas aulas, pois ele não poderá mais ser um memorizador de conteúdo, um repetidor mecânico de frases inertes, domesticado a um texto e que não consegue manter uma relação entre o que é lido e a interpretação em cenários médicos encontrada na cidade de São Paulo, fazendo com que a disciplina de interpretação torne-se um dado desconectado da realidade. (FREIRE, 2016. p. 29).

Gráfico 23 – Pós-jogo: pergunta 4



O resultado das respostas demonstra que todos os alunos concordam em “jogar para aprender”, haja vista que em ambientes corporativos os jogos já são utilizados com o objetivo de antecipar vivências, aplicar treinamentos e promover o envolvimento, já que os games levam seus usuários a aprender de forma natural, sem perceber, e a desenvolver a habilidade de trabalhar em equipe (SANTAELLA, 2010a. loc 3391). Portanto, se o professor torna a experiência educativa em puro treinamento técnico, amesquinha o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (FREIRE, 2016. p. 34). Os conteúdos aprendidos no games são convertidos em ideias de soluções para resolver problemas significativos do mundo real (SANTAELLA, 2010a. loc 3398).

Somos seres históricos, o que significa fazermos nossa história a cada dia. Da mesma forma, historicamente, descobrimos que “o aprender precedeu o ensinar” e que, ele, o ensinar, “dilui-se na experiência realmente fundante do aprender” (FREIRE, 2016. p. 26). O professor, historicamente criador, crítico e inquieto, usa o conhecimento de mundo dos educandos, suas histórias de vida, para construir e reconstruir os saberes e desenvolver condições para a verdadeira aprendizagem. Educar é substantivamente, formar, portanto, o professor formador deve estar disposto ao risco de aprender a lidar com as novas tecnologias, a aceitação do novo, das novas formas de aprender e de ensinar, que não podem ser negadas pelo simples fato de serem novas, da mesma forma que os saberes anteriores não podem ser simplesmente substituídos por serem considerados velhos. Freire ainda nos diz que “o velho que preserva sua vitalidade o que encarna uma tradição ou marca presença no tempo continua novo” (FREIRE, 2016. p. 29, 34-36). Portanto, divinizar ou diabolizar a tecnologia e as novas propostas de ensino e aprendizagem que os *games* nos oferecem, é um rotundo desacerto. Não é, portanto, o objetivo deste estudo, propor a substituição total de técnicas educativas anteriores por *games* em dispositivos móveis, mas afirmar que é necessária a disponibilidade dos professores para revisar achados, reconhecer possibilidades, mudar de opções e assumir mudanças. (FREIRE, 2016. p. 29, 34-36). Os saberes e suas formas de aprendizagem possuem potenciais e limites próprios, portanto a tecnologia móvel não substitui o professor em sala, assim como o professor em sala não substitui o uso da tecnologia. As duas situações se completam e enriquecem o processo educativo (SANTAELLA, 2010a. loc 4554 e 4556). De acordo com Santaella, é possível afirmar que

[...] a aprendizagem com recursos móveis não poderá jamais substituir a sala de aula e outros recursos de e-learning. Mas, se adequadamente planejados, os aparatos móveis podem completar e adicionar valor aos estilos e modelos existentes de aprendizagem [...] (SANTAELLA, 2010a. loc 4564).

Portanto, baseada nas entrevistas realizadas com os nomeados turistas pacientes e seus acompanhantes, profissionais de saúde das três instituições hospitalares acreditadas pela *Joint Comission International*, nos questionários pré e pós-jogo respondidos pelos alunos do último semestre do curso de Tradutor e Intérprete e na vasta bibliografia especializada, é possível considerar que este estudo logrou considerável êxito, dentro do objeto no qual foi proposta a análise. Observou-

se que a interpretação especializada em cenários médicos na cidade de São Paulo necessita de atenção e de intérpretes profissionais, qualificados academicamente, para o atendimento bilíngue. Observou-se também que a tecnologia, aliada à educação, na forma de um *game* para a prática e o ensino da interpretação, foi bem aceita pelo mesmo grupo de alunos que, anteriormente, afirmou “temer” a cabine de interpretação, devido ao escrutínio público e à falta de fluência em inglês. Observou-se, ainda, que o videogame desenvolvido e proposto para esta pesquisa teve aceitação e eficácia positiva no auxílio pedagógico à disciplina de interpretação.

A tecnologia que os dispositivos móveis oferecem, aliada à sensação que o jogador tem ao abrasar o véu que o separa do imagético e rompe a barreira entre o real e imaginário (CABRAL, 2018 *apud* FUSARO, 2018, loc 440), unidos a conteúdos e experiências historicamente construídos, são instrumentos que podem tornar a prática da interpretação mais acessível, envolvente e menos estressante para os alunos do curso de Tradutor e Intérprete. É possível, portanto, considerar que se a tecnologia e os *games* conseguisse obter a devida atenção para seus usos acadêmicos, em alguns anos a demanda de intérpretes especializados na área médica na cidade de São Paulo poderia ser suprida e os turistas pacientes, que frequentam as instituições hospitalares paulistanas, poderiam receber uma melhor prestação de serviço, menos submetida aos riscos de ruídos em sua comunicação com os profissionais de saúde.

## REFERÊNCIAS

ANGELELLI, Claudia V.: **Medical Interpreting and Cross-cultural communication.** Cambridge University Press, New York, 2004.

\_\_\_\_\_. **Revising the interpreter's role:** A study of conference, court and medical interpreters in Canada, Mexico and the United States. John Benjamin Publishing Company. Philadelphia. 2004.

ARCOVERDE, Letícia: **Brasil cai em ranking de proficiência.** [online] Disponível em <https://www.valor.com.br/carreira/5958437/brasil-cai-em-ranking-de-proficiencia-em-ingles> acesso em 14/03/2019.

EVERY, Maria-Paz Beltran: **The role of the health care interpreter:** an evolving dialogue. The National Council on Interpreting in Health Care Working Paper Series. Chicago. 2001.

BELLUCK, Pam: **First Digital Pill Approved to Worries About Biomedical Big Brother** [online] Disponível em <https://www.nytimes.com/2017/11/13/health/digital-pill-fda.html> acesso em 28/03/2019.

BIDERMAN, Iara: **São Paulo se consolida como capital da Saúde e atrai pacientes latinos e africanos** [online] Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2018/09/1981726-sao-paulo-se-consolida-como-capital-da-saude-e-atrai-pacientes-latinos-e-africanos.shtml> acesso em 14/01/2019.

BIS, Colégio: **Como o inglês pode impactar o mercado de trabalho** [online] Disponível em <https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-bis/como-o-ingles-pode-impactar-o-mercado-de-trabalho/> acesso em 28/02/2019.

CAILLOIS, Roger: **Os jogos e os homens.** A máscara e a vertigem. Editora Vozes. Petrópolis. 2017.

BURNS, Martha: **I'm a Neuroscientist.** Here's how teachers Change Kids' Brains. [online] Disponível em <https://www.edsurge.com/news/2019-02-19-i-m-a-neuroscientist-here-s-how-teachers-change-kids-brains> Acesso em 16/05/2019

CAREPLUS: **Setor de Saúde a Caminho da Liderança Internacional em investimentos e Desenvolvimento em 2020** [online] disponível em [https://careplusmais.com.br/outros/setor-de-saude-a-caminho-da-lideranca-internacional-em-investimentos-e-desenvolvimento-em-2020/?utm\\_source=linkedin&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=ricardo-amorim](https://careplusmais.com.br/outros/setor-de-saude-a-caminho-da-lideranca-internacional-em-investimentos-e-desenvolvimento-em-2020/?utm_source=linkedin&utm_medium=social&utm_campaign=ricardo-amorim) acesso em 19/02/2019.

APIC: **Código de Ética Profissional.** [online] Disponível em <https://www.apic.org.br/documentos> acesso em 22/08/2019

CRYSTAL, David: **English as a global language.** Cambridge University Press. 2ed. New York. 2003.

EF EDUCATION FIRST: **EF EPI**. Índice de proficiência em inglês no mundo [online] Disponível em <https://www.ef.com.br/> acesso em 13/03/2019.

ESTEVES, Lenita Maria Rimoli: **Atos de tradução**: éticas, intervenções, mediações. São Paulo. Humanitas: FAPESP, 2014.

FRANÇA, Vera R. Veiga: **L. Quéré**. Dos modelos da comunicação. Minas Gerais. Revista Fronteiras, 2003. p. 39.

FREIRE, Paulo: **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática docente. 54ed. Paz e Terra. São Paulo. 2016

\_\_\_\_\_: **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. 24ed. Paz e Terra. São Paulo. 2013.

F.O. Leite et al: **Using Google Translate® in the Hospital**: A case report. IOS Press. Porto, Portugal. 2016.

FUSARO, Alberto Cabral. **Inteligência Artificial e a Ilusão do Percepto Afetivo. Dissertação de Mestrado**. PUC. São Paulo. 2018.

FUSARO, Márcia (org.). **Artes Tecnológicas Aplicadas à Educação**. São Paulo. COD3S, 2018. E-book.

\_\_\_\_\_: **Educação em Pesquisas**: Novas Tecnologias e Linguagens. São Paulo. BT Acadêmica, 2019. E-book.

GAIBA, Francesca: **The Origins of Simultaneous Interpretation**: The Nuremberg Trial. Perspectives on Translation - University of Ottawa Press, 1998.

GILE, Daniel: **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Rev ed. John Benjamin Publishing Company. Philadelphia. 2009.

GEE, James Paul: **The Anti-Education Era**. Creating smarter students through digital learning. St. Martin's Press. New York. 2013

\_\_\_\_\_: **What Video Games Have to Teach Us About Learning and Literacy**. St. Martin's Press. New York. 2003.

HAFFNER, Linda: **Cross-cultural medicine**. A decade later. Translation is not enough. Interpreting in a medical setting. Stanford. California. 1992.

HALE, Sandra Beatriz: **Community Interpreting**. Palgrave Macmillan. New York. 2007.

IMIA – International Medical Interpreters Association & Education Development Center Inc. **Medical Interpreting Standards of Practice**, USA. 2007.

LARUCCIA, Mauro Maia: **Notas Sobre Linguagem, Comunicação e Educação.** Pensamento Real, Ano VII, nº15. 2004.

MAGALHÃES JUNIOR, Ewandro: **Sua Majestade, o Intérprete:** O fascinante mundo da tradução simultânea. Parábola Editorial. São Paulo, 2007.

MATTHEWS, Gladys: **Court Interpreting in United States Revisited.** [online] Disponível em <https://aiic.net/page/6595/court-interpreting-in-the-united-states-revisited/lang/1> acesso em 12/01/2018.

MIKKELSON, Holly: **The Professionalization of Community Interpreting** [online] Disponível em <https://aiic.net/page/1546/the-professionalization-of-community-interpreting/lang/1> acesso em 12/01/2019.

NOCITI, Cristiane: **A importância da língua inglesa no mercado de trabalho** [online] Disponível em <https://www.catho.com.br/carreira-sucesso/colunistas/convidados/a-importancia-da-lingua-inglesa-para-o-mercado-de-trabalho/> acesso em 28/02/2019.

NORDIN, Jaqueline Neves: **Introdução à Interpretação Forense no Brasil.** Transitiva. São Paulo. 2018.

ORIGUELA, Daniela: **Interpretação Comunitária, Direitos Humanos e Assistência Social:** proposta de política pública no contexto brasileiro. Tradterm, 23, 225-240. 2014.

**O GLOBO.** Brasil mantém nível baixo de proficiência em inglês, diz relatório. [online] Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-mantem-nivel-baixo-de-proficiencia-em-ingles-diz-relatorio-23198267> acesso em 14/03/2019.

OTHERO, Gabriel de Ávila: **Sobre a evolução Linguística.** Letra Magna nº1, PUCRS. Rio Grande do Sul. 2004.

PAGURA, Reynaldo: **A Interpretação de Conferências:** Interfaces com a Tradução Escrita e Implicações para a Formação de Intérpretes e Tradutores. PUC. São Paulo. 2003.

PLATÃO: **Apologia de Sócrates.** Virtual Books. Pará de Minas. 2003.

POSSENTI, Sírio: **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas. Mercado das Letras. 1996.

PRENSKY, Mark: **Don't bother me, mom. I'm learning.** Paragon House. Minnessota. 2011. E-book.

PRESIDÊNCIA DA FEDERATIVA REPÚBLICA DO BRASIL: **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988** [online] Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm) acesso em 14/01/2019.

\_\_\_\_\_. **Código de Processo Penal**: Decreto de lei 3689 [online] Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/Del3689.htm#art193](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del3689.htm#art193) acesso em 15/01/2018.

QUEIROZ, Mylene: **Panorama da Interpretação em Contextos Médicos no Brasil**: perspectivas. TradTerm. São Paulo. 2014. p. 193-223.

ROUSSEAU, Jean-Jacques: **Ensaio Sobre a Origem das Línguas**. Editora da UNICAMP. 2ed. 2003a.

SANTAELLA, Lucia: **Comunicação Ubíqua**: Repercussões na Cultura e na Educação. Paulus. São Paulo. E-book. 2010a.

\_\_\_\_\_: **Culturas e artes do pós-humano**: Da cultura das mídias à cibercultura. 4ed. Paulus. São Paulo. 2010b.

\_\_\_\_\_. **O Papel do Lúdico na Aprendizagem**. Teias. v.13. n30. São Paulo. 2012a.

SAUSSURRE, Ferdinand de: **Curso de Linguística Geral**. São Paulo. Cultrix. 1997.

SEVERINO, Antonio Joaquim: **Metodologia do Trabalho Científico**. 2ed. Cortez. São Paulo. 2016.

SHANNON, Diane: **Cultural Competence in Health Care organizations**: Why and how? Acpe.org. 2001.

TELEPHONE INTERPRETING SERVICE: **A Brief History of Medical Interpreting** [online] Disponível em <https://www.telephone-interpreting-service.com/brief-history-medical-interpreting> acesso em 07/01/2019.

THE UNITED STATES DEPARTMENT OF JUSTICE: **Executive Order 13166** [online] Disponível em <https://www.justice.gov/crt/executive-order-13166> acesso em 14/01/2019.

TUSA, Ann: **The Nuremberg Trial**. Skyhorse Publishing Inc, New York, 2010.

URBAN DICTIONARY: [online] Disponível em [www.urbandictionary.com](http://www.urbandictionary.com) acesso em 24/01/2019.

## APÊNDICES

### RESPONDENTE 1

O incentivo que eu tenho para continuar é financeiro. Dá pra completar pra pagar a faculdade e meu pai me ajuda... Também, a experiência que eu “tô” adquirindo com isso. É uma experiência boa. Os professores são novinhos, entre dezoito e trinta anos. Eles estão buscando também essa... adquirir essa experiência como professor na área de ensino. Mas, a maioria tá lá só para passar um tempo mesmo. Só até conseguir alguma coisa na área.

Eu não acho que eles estejam buscando nada como professor. É só pra passar um tempo mesmo até conseguir as coisas na sua área.

O currículo do curso é quadrado. Eu falo as coisas e os alunos repetem do jeito que eu falo. Tem que repetir igualzinho para aprender, né? No livro do professor tem tudo o que a gente precisa fazer. Até o tempo. Isso é a coisa mais difícil porque têm uns alunos que gastam muito tempo pra falar. Daí eu tenho que correr com o resto da lição. Eu deixo o relógio do lado e fico vendo o tempo. Se o aluno demora, eu passo para outro logo. Não fico perdendo tempo com aquele que não quer falar.

Eu acho que a escola forma pessoas que falam. Não precisa falar muito no Brasil. Ninguém exige um inglês perfeito.

Eu não tenho liberdade para acompanhar os alunos. Eles é que me acompanham. A escola tem um tempo e a lição tem um tempo. Eles sabem disso e tem que acompanhar. Tem que estudar a lição em casa e trazer pronta. Se não fizer isso, não dá certo mesmo. Eu só corrijo o que eles trazem e leio para eles os textos.

Eu leio as aulas uns cinco minutos antes de começar e vejo o vocabulário que eu não sei. É só isso mesmo. Todas as aulas são iguais.

A coordenadora sempre olha as anotações que eu faço nos diários. Tem que estar tudo em dia. Nenhum professor pode atrasar as lições porque atrasa a data final do curso e as aulas extra são cobradas dos alunos. O livro inteiro tem que ser apresentado naquele número de aulas. Às vezes, quando não dá pra apresentar uma lição inteira, eu pulo umas partes e peço para eles lerem em casa mesmo. Nem corrijo.

## REPONDENTE 2

Eu não tenho muitos incentivos para continuar. A escola não reconhece o trabalho que a gente tem com os alunos, pede para que a gente compareça às reuniões todas as sextas-feiras e eu não recebo nada por isso. Tenho que corrigir as *homeworks* dos alunos em casa e fora do horário de aula. Eu deveria ser pago, eu passo umas duas horas corrigindo as lições. Isso é trabalho. Estou lá até conseguir uma outra escola que pague um pouco melhor.

Eu vejo diversos perfis de professores nas escolas de idiomas, mas o que eu mais vejo é um pessoal jovem, que está na faculdade e está na escola para passar um tempo. Aqui mesmo têm uns três professores que são ex-alunos. Acho que o mais velho dos três deve ter uns 20 anos. É o primeiro emprego dele. Ele está fazendo engenharia. Você acha mesmo que o pai desse garoto vai deixar ele dando aula nessa escola muito tempo? É claro que não.

Olha, poucos estão em busca de aprimoramento profissional porque a gente não ganha pra isso. Eu mesmo não vou gastar o salário que eu ganho aqui para fazer uma faculdade de Letras, por exemplo, e ficar sem dinheiro para pagar a mensalidade. O que eu “tô” fazendo aqui “tá” bom por enquanto. É só até eu arranjar outra coisa que pague mais.

A escola não forma bons alunos que falam inglês. Os alunos saem daqui falando um pouco. Mas, se não correr atrás, não vai falar, não.

Eu acompanho os alunos por fora. Já até peguei dois como alunos particulares. É mais vantagem pra mim e para eles. Eu ganho mais na hora aula e eles pagam menos na mensalidade. Se eu estiver com meu diário de classe em dia, a coordenadora não fala nada.

Eu pego o assunto mais importante daquela aula e dou a minha aula. Às vezes, nem uso o livro. Fico só batendo papo com os alunos.

Não tem penalização se você deixar o diário de classe em dia. Se isso estiver bom, a coordenadora não pega no seu pé.

### RESPONDENTE 3

Eu só estou dando aula agora porque eu estava desempregado e a escola estava precisando de professores. Não tenho nenhum incentivo para continuar. O pessoal só cobra, quer que a gente venha para a reunião na sexta e não paga. Como eu tenho faculdade de Publicidade e aprendi a falar um pouco de Inglês, resolvi dar aula enquanto estou procurando uma agência para trabalhar. Tem até um aluno que também é publicitário e vai me indicar.

O perfil dos professores é como o meu. Tirando uns ex-alunos, a maioria está só passando um tempo enquanto acha alguma coisa na área.

Os professores não estão buscando aprimoramento, pelo menos a maioria, porque não fizeram faculdade de Letras. Aqui na escola mesmo, tem um engenheiro e um arquiteto que estão iguais a mim. Assim que surgir uma vaga, nós vamos embora.

Eu tento acompanhar os alunos, mas têm alunos que não tem jeito. Eles não nasceram para falar inglês.

Eu leio as aulas no ônibus quando estou vindo para a escola. Não tem muito o que preparar. Eu chego, passo o CD para eles escutarem o texto, eles leem o texto e eu mando fazerem os exercícios e acabou a aula.

A coordenadora nem sabe o que a gente faz na sala de aula. Se eu falar qualquer coisa para ela, se eu escrever qualquer coisa no diário, ela acredita.

#### RESPONDENTE 4

Incentivos da escola, eu não tenho. Só estou dando aula porque eu gosto e estou fazendo Letras, mas vou ficar só o tempo de terminar o meu curso. Tenho mais um semestre. Depois, vou dar aula em um colégio particular. Até pode ser que eu dê aula de inglês, mas em escola de idiomas, nunca mais.

Muitos professores estão só de passagem e não tem nada a ver com ensino ou até com o Inglês mesmo. Eu e uma outra menina somos as únicas que estudam alguma coisa relacionada com ensino aqui. Ela entrou mais tarde na faculdade. Acho que está no terceiro semestre. Mas, quando terminar a faculdade, eu acho que ela também não fica aqui. A escola para muito pouco. 20 Reais a hora aula, sem contar os descontos. Você tem que se matar para conseguir ter um salário razoável. Ainda bem que as aulas são modulares e não têm férias. Têm escolas por aí que os professores ficam quatro meses sem trabalho devido às férias. É pior ainda.

O currículo da escola não forma bons falantes. Ele é engessado e os alunos só aprendem estruturas e mais estruturas. Se aparecer um americano que fale alguma coisa um pouco diferente, os alunos travam. Eles saem daqui falando como robosinhos.

Eu tento acompanhar as necessidades dos alunos. Não concordo com o modo corrido que as aulas têm que ser ministradas. Os alunos têm ritmos de aprendizado diferente, não dá pra fazer com que todo mundo aprenda de uma vez e em uma hora e quinze minutos. Muitos alunos têm dificuldades com o Português. Outro dia eu estava falando sobre a terceira pessoa e um aluno me perguntou quem era essa pessoa que eu estava falando. Os alunos mal sabem o que é um verbo.

Eu preparo as aulas pensando em cada sala. Como já conheço os alunos e posso levar o livro para casa, penso como explicar cada coisa pensando nos alunos individualmente. Eu já sei quem tem maior dificuldade e vai precisar de uma explicação diferente. O que é frustrante é que muitas vezes não dá tempo de atender os alunos que mais precisam e querem aprender. Eu sempre fico depois do meu horário falando com eles.

Sim, a coordenadora não admite que eu atrase o conteúdo de uma aula. Ela já brigou comigo também porque eu atendo os alunos após a aula e fico ocupando a sala.

## RESPONDENTE 5

O incentivo que eu tenho para continuar é a hora aula. Na outra escola que eu estava dando aula, eu ganhava R\$17,00 a hora e agora ganho R\$22,30. Tudo bem que têm os descontos porque eu sou registrado, mas já dá pra ganhar um pouquinho mais.

Ah, o pessoal que dá aula é um pessoal que não está muito preocupado com as coisas. A maioria está só de passagem. Tem muita gente jovem que tá fazendo faculdade. Eu fico porque eu já passei dos 40 anos e é difícil arrumar um outro emprego. Então, vou ficando onde paga mais. Como já tenho experiência em outras escolas, qualquer uma me pega.

ENTREVISTADOR: Qual a sua formação? Você se profissionalizou como professor de Inglês?

Eu fui trabalhar no Canadá. Fiquei lá por seis meses. Aí não deu muito certo. Quando eu voltei, precisava fazer alguma coisa aqui pra me sustentar. Então, como eu tinha aprendido inglês quando fui pra lá, comecei a dar aula. No início, só particulares, executivos. Mas, eles cancelavam muito. Então procurei uma escola. Foi assim que comecei a dar aulas em escolas.

O currículo da escola é bom. Não dá trabalho. É só chegar e fazer o que está escrito no livro, Muito fácil. Até o tempo de cada coisa, o livro já te dá. É muito fácil.

Se os alunos fizerem tudo o que eu falo pra fazerem, eles conseguem falar. Acho que são bons alunos. É só estudar em casa. Não tem segredo.

Eu sempre leio as aulas antes de começar. Vejo o tempo de cada coisa, quantos alunos têm que falar em cada parte e as perguntas que eu preciso fazer. Às vezes, eu anoto algumas perguntas para eu não esquecer, mas na maioria das vezes é só ler o que está no livro e fazer igual. Em no máximo 15 minutos minha aula está preparada.

Não há penalização porque eu faço tudo direitinho. Começo e termino as aulas no horário, recolho as *homeworks* dos alunos, devolvo na aula seguinte, preencho o diário. Sou uma pessoa organizada.

## RESPONDENTE 6

A gente que dá aula não tem muito incentivo, nem da coordenação e nem dos franqueados. Acho que nem no Estado, hoje em dia, os professores têm incentivo. Eu procuro fazer cursos e estudar porque eu quero dar aulas melhores. Quem sabe, conseguir dar aula em uma escola fora do Brasil. Mas, por enquanto, sigo dando aulas por aqui mesmo.

Eu me formei em Letras, mas a maioria do pessoal que dá aula não tem formação nenhuma. Alguns até são formados, mas não em educação. O que eu vejo é que a escola de idiomas, para a maioria, é só um passatempo pra conseguir outro emprego. Eles não estão aqui pra dar aula de verdade.

Como eu disse, alguns estão em busca de aprimoramento. Vejo pessoas que se formam em Letras ou que ainda estão na faculdade que vem pra cá e querem dar aula de verdade. O problema é que, chegando aqui, com o monte de regras e travas que a coordenação impõe, esses alunos acabam se frustrando e vão embora. Já passaram umas três meninas por aqui que enfrentaram isso. Elas pediram demissão antes do semestre terminar.

Não. O currículo não forma bons falantes. Ele é quadrado. Quem forma bons falantes são os professores. Já encontrei vários erros gramaticais no livro da escola. Além disso, há uma aula que é só para ensinar palavrões e vulgaridades. Isso se aprende na rua. Não concordo com aquela lição. Desnecessária.

Eu faço o possível para acompanhar os alunos. Até criei um blog para que eu possa ajudá-los fora do horário de aula. Também, é uma oportunidade que eu ofereço a eles para praticar.

Eu preparo minhas aulas em casa quando chego do trabalho. Preparo as aulas do dia seguinte. A questão da preparação é que não dá pra preparar uma aula só. As turmas são diferentes. Mesmo que você tenha o mesmo conteúdo, as salas são diferentes e têm necessidades diferentes. Eu levo, mais ou menos, uma hora e meia preparando as minhas aulas, sempre antes de dormir. Durante o dia não dá tempo.

Sim, a coordenadora chama atenção quando tem uma aula atrasada ou quando o diário não foi preenchido do jeito que ela quer. Eu me esforço para deixar tudo em dia, por isso que criei o blog. Assim, algumas coisas que não consegui passar durante a aula, eu explico no blog. Os alunos acessam, fazem perguntas e eu respondo pelo celular. Pelo menos consigo passar todo o conteúdo.

## RESPONDENTE 7

A escola não me dá incentivo nenhum. Mas, eu tô bem aqui. O salário tá bom. É um pessoal jovem. Geralmente o primeiro emprego.

Os professores que passam por aqui, na maioria das vezes, não querem ficar na área de ensino. Eles estão fazendo faculdade de outras coisas. Só passam pela escola para dar aula durante um tempo até terminarem a faculdade. É bico mesmo. Eu acho que a educação, de um modo geral, é bico para os brasileiros. Eu tenho um amigo que é engenheiro e trabalha em uma empresa grande durante o dia. De noite, ele faz um bico dando aula em uma faculdade. Isso mostra que não é só nas escolas de inglês que o povo faz bico como professor. Eu já pensei em fazer faculdade em uma outra área, mas eu fico com preguiça só de pensar em ter que ir para a faculdade todo dia e encarar professores como esse meu amigo, que estão lá fazendo bico. Então, tudo vira uma bola de neve. O professor faz bico mesmo e o aluno estuda qualquer coisa. Só vão para a faculdade para pegar o diploma.

Forma. Se os alunos fizerem todas as lições. Às vezes, eu nem corrijo. Fez mais ou menos, já está bom. Eu dou nota e pronto. Não fico me preocupando em corrigir detalhes. Isso eles vão aprender se forem viajar e precisarem da língua.

Não precisa acompanhar se os alunos fizerem as lições. Se fizerem, eu dou uma olhada por cima e passo a nota. Simples.

Nem preciso preparar mais. Eu já dou aula aqui há dois anos. Já conheço o livro todo. Já sei todos os diálogos e as perguntas que eu tenho que fazer.

Sim. Se você não preencher o diário, a coordenadora chama a sua atenção e você tem que completar. Eu acho que essa é a única função dela, porque nas raras vezes quando temos uma reunião, ela só pergunta se os diários estão completos. Não pergunta como estão os alunos e não fala em inglês com os professores. Eu acho que ela também não fala inglês direito como vários outros professores daqui também não falam. Outro dia, eu vi um professor falando *I think yes* para dizer “eu acho que sim” e ensinou o aluno desse jeito. Eu nem me envolvi. O aluno não é meu. Se ele vier me perguntar algum dia, falo que o professor dele ensinou errado.

## RESPONDENTE 8

Sou estudante de Pedagogia, então eu tenho que me auto incentivar. A escola não oferece muitos incentivos. No semestre passado chegou a notícia que uma outra franquia estava precisando de coordenadores. Eu não me candidatei porque não quero sair da sala de aula. A escola dá uns cursos de vez em quando, mas são bem específicos.

Aqui na escola o perfil é bem variado. Tem mais duas meninas que fazem Letras, eu acho. Eu sou a única de Pedagogia, têm uns três que são ex-alunos, não sei o que eles estudam e outros dois professores mais velhos de casa. Também não sei a formação deles, mas não é em Letras ou Pedagogia.

Eu posso falar de mim e das meninas. Nós estamos em busca de aperfeiçoamento. Os outros não me parecem muito interessados. Estão acomodados com as aulas que têm.

Eu acho que a gente poderia flexibilizar mais o currículo para poder atender melhor os alunos. Têm alunos, nos meus *tens*, por exemplo, que eles têm dificuldades com o Português. Alguns, têm problemas com inglês na escola também. Eu tento ajudar, mas não dá tempo. Se a escola não exigisse tanto que as aulas fossem dadas naquela data os alunos poderiam sair daqui falando melhor. Muitos deles têm boa vontade e querem aprender, mas não dá tempo na aula.

Eu só dou aulas de tarde porque estudo a noite e, nesse semestre, estou fazendo estágio pela manhã. Então, só tenho os *tens* de tarde. No estágio, a professora sempre me fala pra sentar no fundo da sala e não fazer nada. Já até pegou meu relatório, assinou e me dispensou porque ela disse que não iria dar nenhum conteúdo novo para as crianças naquele dia. Por isso que, mesmo com o estágio, eu acabo tendo muito tempo vago pela manhã. É nesse momento que preparo as minhas aulas.

Eu procuro deixar os meus relatórios em dia. Tem dias que, realmente não dá pra passar todo o conteúdo, mas eu escrevo que passei mesmo assim. Na aula seguinte, eu completo o conteúdo da anterior e término a aula do dia. Nunca recebi nenhuma penalização por atrasar as anotações do diário.

## RESPONDENTE 9

A escola não dá incentivo para continuarmos como professores. Nem sei se alguma escola de Inglês dá esse tipo de incentivo. Pelo menos pelas que eu passei, nunca tive.

A maioria dos professores das escolas de Inglês não são professores de verdade. Há, é claro, aqueles que estudaram para isso, mas eu acho que são a minoria. Eu não vejo com frequência o pessoal estudando ou comentando que quer ser professor para o resto da vida. Pelo menos não professor de escola de inglês.

Como eu disse, são poucos os que buscam a carreira de professor. Têm uns professores muito bons por aí, mas dá pra contar nos dedos. A maioria trata como bico.

Não. A escola não forma bons falantes. Somos obrigados a falar as palavras em inglês e traduzir para o Português. O aluno faz a mesma coisa. Não é assim que a gente fala, mas é assim o método da escola. Os alunos traduzem o tempo todo. Então eles serão viciados em tradução e não vão conseguir ter uma conversa flúida.

Eu tento acompanhar as necessidades dos meus alunos o máximo possível. Às vezes, quando noto que estão com muita dificuldade, peço para que me escrevam e-mails só para praticar o conteúdo. Isso ajuda, mas só as vezes. Os alunos que têm mais dificuldade, acabam desistindo.

Os professores têm o *teacher's guide* e você não pode fazer nada mais ou menos do que está escrito ali. Isso, muitas vezes, é chato. Tanto pra mim quanto para os alunos porque fica uma coisa muito mecânica. Mas, é assim que tem que ser. Uma vez, fui chamado a atenção por um coordenador que assistiu a minha aula porque eu não repeti três vezes a sentença e a tradução, sendo que no método da escola, é necessário que sentença e sua tradução sejam repetidas três vezes. Isso deixa a aula muito chata, principalmente quando são poucos alunos.

Sim, se eu não preencher o diário com as informações daquela aula, o coordenador nos adverte a partir da segunda constatação. Eu preciso preencher a quantidade de alunos, a lição, as páginas aplicadas, o exato horário de início e término de todas as aulas. Isso demanda tempo, mas tem aulas que eu só tenho 15 minutos de intervalo e não dá tempo. Acabo inventando muita coisa.

## RESPONDENTE 10

Nessa escola eu tenho incentivo de hora aula diferente dependendo do tempo de casa. Você consegue ter uma hora aula de até R\$35,00 a partir dos três anos. Eu já estou no nível de R\$ 27,00. É um valor bem razoável frente ao que encontramos no mercado por aí.

Na grande maioria das escolas de idiomas, os professores não são professores de verdade. Eles consideram dar aula como um bico ou uma profissão subalterna. Eu fico triste em saber que as pessoas pensam assim.

Veja, eu busquei a minha profissionalização e continuo buscando. Mas, como eu te disse, a maioria não busca. Eu fiz faculdade e pós-graduação, no fim de 2018 vou prestar exame de proficiência de Inglês. Quem sabe, um dia eu tenho a minha própria escola.

Como na escola em que eu trabalho, muitos dos alunos são executivos e as aulas são quase que “particulares”, o currículo é bem flexível. Não há uma cobrança tão grande, como eu vi em outras escolas que passei, para fechar conteúdos ou seguir um “livro do professor” à risca. O aluno tem liberdade de voltar para pontos que não ficaram claros, mas ele paga por isso.

Sim, acompanho os alunos em suas necessidades, mas se precisarem de alguma coisa muito específica, precisam pagar a aula extra. Aí o coordenador marca o dia e o horário. É mais livre para o aluno.

Geralmente às sextas, eu recebo a agenda de aulas que vou dar durante a semana seguinte. Como já passei pela maioria dos alunos vip e grupos, conheço seus perfis e posso preparar as aulas no fim de semana sem grandes transtornos. Quando não conheço o aluno, faço uma preparação mais geral e anoto no diário dele, ou do grupo, as dificuldades que forma apresentadas e se considero que algum ponto precisa ser retomado. Na semana seguinte eu ou outro professor que pegar o grupo, já terá essas informações, o que ajuda muito na preparação.

Por ser uma escola mais personalizada e mais cara, não há um cronograma fixo. Há um planejamento de aulas adaptável. Cada módulo deve ter no mínimo 29 e no máximo 38 aulas. Isso dá mais ou menos um semestre. Então, eu posso adiantar quando for preciso e segurar quando algo não está funcionando. O coordenador acompanha de perto todas as turmas para que não passe do limite de aulas. Desde que comecei a trabalhar nessa escola, não vi nenhum grupo que precisasse passar de 35 aulas para fechar o semestre.